

# BEIJO DO FERRO

PATRICIA BRIGGS

*Tradução de Manuel Alberto Vieira e Ester Cortegano*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina



*Para Collin:  
Colecionador de tudo o que é Afiado e Pontagudo Para a Chacina  
de Dragões.*



## AGRADECIMENTOS

Edição: Anne Sowards, evidentemente, mas também Mike e Collin Briggs, Dave, Kaharine e Caroline Carson, Jean Matteucci, Ann (Sparky) Peters, Kaye and Kyle Roberson, e Gene Walker — gente corajosa que leu este livro ou partes dele em várias fases de desarranjo e que deu o seu melhor para me ajudar a consolidar fundações.

Alemão: Michael e Susann Bock, de Hamburgo — pelos seus esforços heróicos, Zee está verdadeiramente grato. *Danke*.

Pesquisa: Jana e Dean, da Butte Silver Bow Arts Foundation, George Bowen e o Departamento de Polícia de Kennewick, Cthulu Bob Lovely e a Dra. Ginny Mohl.

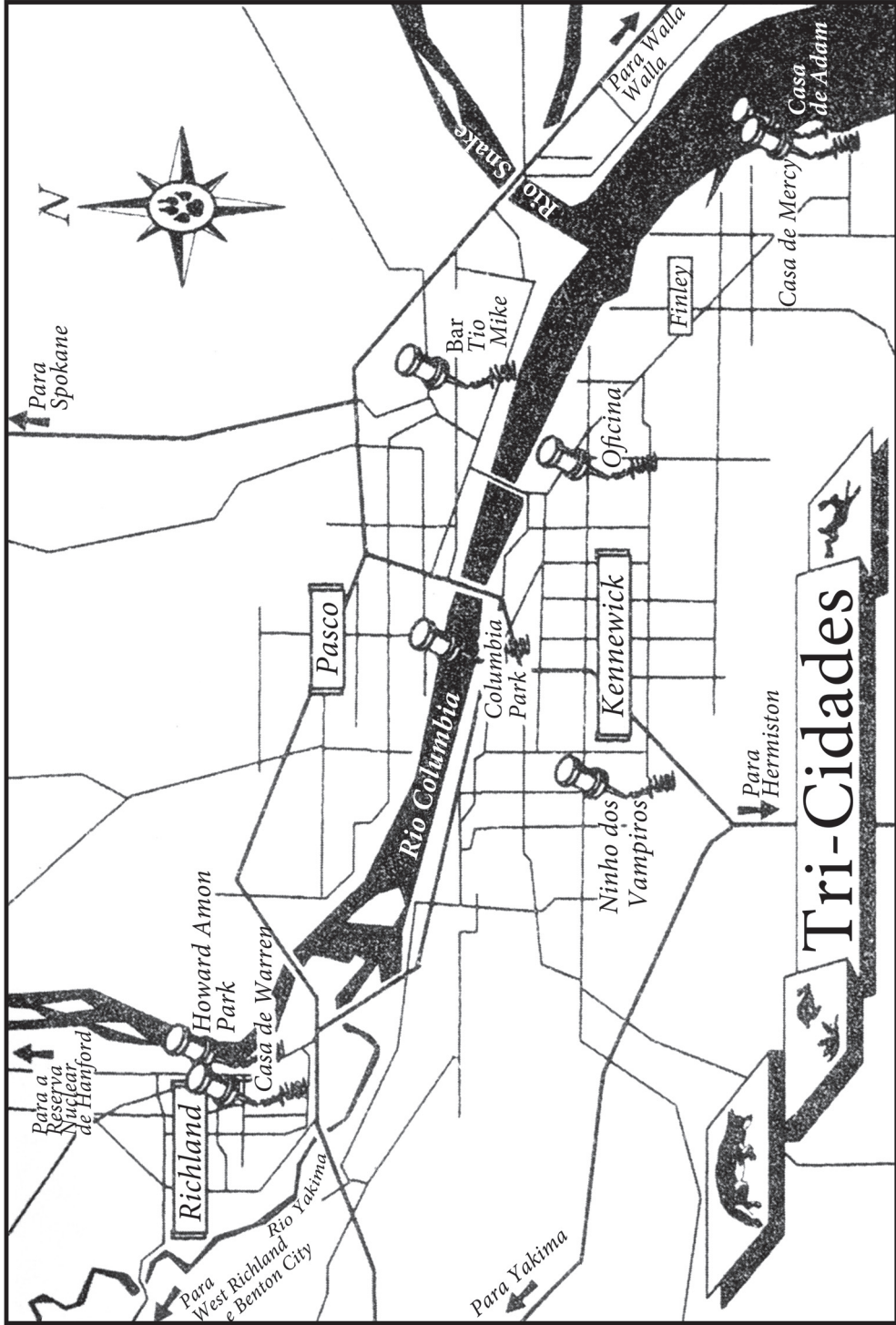
Mapa: Michael Enzweiler

A autora está especialmente grata a Jesse Robison, que se voluntariou para intervir quando a Mercy precisava de um livraria e alguém que conhecesse os seus livros.

E, claro, ao pessoal dedicado da Three Rivers Folklife Society e aos muitos músicos talentosos que organizam o Festival de Música Tumbleweed todos os fins de semana do Dia do Trabalhador para que possamos ter música.

Apesar dos valorosos esforços (e empenhos) de todas estas pessoas talentosas, suponho que ainda haverá muitos erros no texto que se segue, e por eles assumo total responsabilidade.









— Um vaqueiro, um advogado e uma mecânica a verem *A Rainha dos Malditos* — murmurei.

Warren — que muito tempo antes fora um vaqueiro — soltou um risinho abafado e meneou os pés descalços.

— Podia ser o princípio ou de uma piada má ou de uma história de terror.

— Não — disse Kyle, o advogado, cuja cabeça estava apoiada na minha coxa. — Se quiseres uma história de terror, tens de começar com um lobisomem, o seu amante deslumbrante e uma caminhante...

Warren, o lobisomem, riu-se e abanou a cabeça.

— É demasiado confuso. São muito poucas as pessoas que ainda se lembram do que é um caminhante.

Sobretudo confundiam-nos com os mutantes caminhantes. Uma vez que tanto os caminhantes como os mutantes caminhantes são metamorfos ameríndios, era mais ou menos capaz de compreender a confusão. Especialmente porque tenho a certeza que o rótulo «caminhante» surgiu de um qualquer branco idiota que não conseguia perceber a diferença.

Mas eu não sou uma mutante caminhante. Em primeiro lugar, sou da tribo errada. O meu pai tinha sido um *Blackfoot*, de uma tribo da zona norte de Montana, e os mutantes caminhantes são oriundos das tribos do sudoeste, sobretudo a *Hopi* ou a *Navajo*.

Em segundo lugar, os mutantes caminhantes têm de vestir a pele do animal em que se transformam, normalmente um coiote ou um lobo, mas não conseguem mudar os seus olhos. São magos malévolos que espalham a doença e a morte por onde quer que passem.

Quando me transformo em coiole, não preciso de uma pele ou — olhei para baixo, na direção de Warren, em tempos um vaqueiro e agora um lobisomem — da Lua. Quando sou uma coiole, pareço-me com todos os outros coioles. Bastante inofensiva, na verdade, ocupando a posição mais baixa possível na escala de poder das criaturas mágicas que viviam no estado de Washington. Que é um dos aspetos que costumava ajudar-me a manter-me em segurança. Simplesmente nem era digna de alguém se preocupar comigo. Isso tinha vindo a mudar ao longo do passado ano. Não que eu me tivesse tornado mais poderosa, mas porque começara a fazer coisas que atraíam a atenção. Quando os vampiros descobriram que eu tinha matado não um, mas dois dos da sua espécie...

Como se chamado pelos meus pensamentos, um vampiro atravessou o ecrã da televisão, uma televisão tão grande que não caberia na sala de estar da minha caravana. Estava em tronco nu e as calças pendiam-lhe centímetros abaixo das ancas sensuais.

Melindrei-me ao sentir um arrepio de medo que me percorreu o corpo em vez de sentir desejo. É curioso ver como depois de os ter matado, os vampiros se tinham tornado mais assustadores. Sonhava com vampiros que saíam a rastejar de buracos no chão e que me sussurravam coisas a partir de sombras. Sonhava com a sensação de uma estaca a deslizar através da carne e de colmilhos a afundarem-se no meu braço.

Se quem tivesse a cabeça no meu colo fosse Warren em vez de Kyle, teria notado a minha reação. Mas Warren estava esticado no chão e firmemente concentrado no ecrã.

— Sabes — disse, aconchegando-me mais no sofá de couro obscenamente confortável da sala de estar do piso de cima da gigantesca casa de Kyle, e tentando soar descontraída —, estava aqui a perguntar-me por que é que o Kyle escolheu este filme. Não estava à espera que aparecessem tantos peitos masculinos nus num filme chamado *A Rainha dos Malditos*.

Warren deu uma risada abafada, comeu uma mão cheia de pipocas da taça pousada no seu estômago liso e depois, com a sua voz áspera e de um modo lento e arrastado típico do Texas, disse:

— Estavas à espera de mais mulheres nuas e menos homens semi-nus, era, Mercy? Devias conhecer o Kyle melhor do que isso. — Riu-se baixinho uma vez mais e apontou para o ecrã. — Olha lá, não sabia que os vampiros eram imunes à gravidade. Já viste algum a baloiçar do teto?

Abanei a cabeça e vi enquanto o vampiro caía em cima das suas duas vítimas *groupies*.

— Mas acho que não são capazes. Também ainda não os vi a comer pessoas. Livra.

— Cala-te. Eu gosto deste filme — Kyle, o advogado, defendeu a sua escolha. — Montes de rapazes bonitos enroscados em lençóis e a andar de um lado para o outro com calças de cinta baixa e sem camisolas. Pensei que também talvez fosses gostar, Mercy.

Olhei para ele — para cada adorável e artificialmente bronzeado centímetro dele — e ocorreu-me que era mais interessante do que qualquer um dos homens bonitos no ecrã, mais real.

Na aparência era quase um estereótipo de um homem gay, desde o gel no seu cabelo castanho-escuro cortado semanalmente até às roupas caras e de bom gosto que vestia. Se as pessoas não fossem cuidadosas, não se davam conta da inteligência perspicaz que se escondia por baixo do exterior bonito. Que era, porque se tratava de Kyle, o propósito da fachada.

— De facto, isto não é suficientemente mau para uma noite de cinema mau — continuou Kyle, sem se preocupar com o facto de estar a interromper o filme: nenhum de nós o estava a ver por causa dos seus brilhantes diálogos. — Eu teria trazido o *Blade III*, mas, estranhamente, já tinha sido alugado.

— Qualquer filme com o Wesley Snipes vale a pena ver, mesmo se tiveres de tirar o som. — Virei-me e curvei-me para roubar uma mão cheia de pipocas da taça de Warren. Ainda estava demasiado magro; isso e o facto de coxear eram lembretes de que há apenas um mês tinha ficado tão gravemente ferido que pensara que ia morrer. Os lobisomens são duros, louvados sejam, senão tê-lo-íamos perdido para um vampiro que transportava o demónio. Esse tinha sido o primeiro vampiro que eu matara — com o total conhecimento e permissão da senhora dos vampiros locais. O facto de ela, na verdade, não querer que eu o tivesse matado não negava que o tinha feito com a sua bênção. Não me podia fazer nada por causa da morte dele — e não sabia que eu era responsável pela outra.

— Desde que não esteja vestido de travesti — disse Warren entre risinhos.

Kyle desatou a rir em sinal de concordância.

— O Wesley Snipes pode ser um homem bonito, mas dá uma mulher feia como o diabo.

— Ei — objetei, voltando a concentrar-me na conversa. — *Os Três Mosqueteiros do Amor* é um bom filme. — Tínhamo-lo visto em minha casa a semana passada.

Um ligeiro zumbido subiu pelas escadas e Kyle rebolou para fora do sofá e pôs-se de pé num movimento gracioso, parecido com um passo de dança, que escapou aos olhos de Warren. Ainda estava concentrado no filme, embora o seu sorriso rasgado provavelmente não fosse a reação que os realizadores tinham em mente para a cena do banho de sangue. Os meus

sentimentos estavam muito mais em consonância com a reação desejada. Era demasiado fácil imaginar-me no papel da vítima.

— Os *brownies* estão prontos, meus queridos — anunciou Kyle. — Alguém quer beber mais alguma coisa?

— Não, obrigada. — Era só faz-de-conta, pensei enquanto observava o vampiro a alimentar-se.

— Warren?

A verbalização do seu nome finalmente desviou os olhos de Warren do ecrã da televisão.

— Um pouco de água era bom.

Warren não era tão bonito como Kyle, mas tinha um aspeto robusto. Observou Kyle a descer as escadas com olhos famintos.

Sorri de mim para mim. Era bom ver Warren finalmente feliz. Mas o olhar que me lançou assim que Kyle desapareceu da vista era sério. Utilizou o telecomando para aumentar o volume e depois sentou-se direito e encarou-me, sabendo que Kyle não nos ouviria.

— Precisas de escolher — disse-me de forma intensa. — Ou o Adam ou o Samuel, ou nenhum dos dois. Mas não podes continuar indecisa entre um e outro.

Adam era o Alfa do bando de lobos locais, meu vizinho, e às vezes a minha companhia em encontros. Samuel tinha sido o meu primeiro amor, a minha primeira desilusão amorosa, e atualmente era o meu companheiro de casa. Apenas o meu companheiro de casa — embora ele gostasse de ser mais do que isso.

Não confiava em nenhum dos dois. O exterior despreocupado de Samuel mascarava um paciente e implacável predador. E Adam... bem, Adam simplesmente assustava-me. E sentia muito medo da possibilidade de amar ambos.

— Eu sei.

Warren baixou os olhos, um claro sinal de que se sentia desconfortável.

— Não lavei os dentes de manhã com pólvora para poder andar a disparar com a boca, Mercy, mas isto é sério. Eu sei que tem sido difícil, mas não é possível haver dois lobisomens dominantes atrás da mesma mulher sem que isso implique derramamento de sangue. Não conheço mais nenhum que te tivesse permitido tanta liberdade de movimentos como eles, mas em breve um deles vai ceder.

No meu telemóvel começou a tocar *The Baby Elephant Walk*. Saquei-o do bolso e olhei para a identificação do chamador.

— Acredito no que dizes — repliquei a Warren. — Simplesmente não sei o que fazer em relação a isso. — Em relação a Samuel, a questão não se reduzia a um amor eterno da minha parte, mas isso era entre mim e

ele e Warren não tinha nada a ver com isso. E Adam... pela primeira vez perguntava-me se não seria mais fácil eu simplesmente ir-me embora.

O telefone continuou a tocar.

— É o Zee — disse. — Tenho de atender.

Zee era o meu antigo patrão e mentor. Tinha-me ensinado a reconstruir um motor a partir do nada — e tinha-me dado os instrumentos para matar os vampiros responsáveis pela coxeadura de Warren e pelos pesadelos que lhe deixavam ligeiras rugas à volta dos olhos. Entendi que isso dava a Zee o direito de interromper a *Sessão de Cinema de Sábado à Noite*.

— Pensa nisso.

Dirigi-lhe um sorriso ténue e abri o telemóvel.

— Ei, Zee.

Fez-se uma pausa do outro lado.

— Mercedes — disse, e nem o seu carregado sotaque alemão lhe disfarçou o tom hesitante da voz. Algo estava errado.

— De que é que precisas? — perguntei, sentando-me de forma mais vertical e colocando os pés no chão. — O Warren está aqui — acrescentei para que Zee soubesse que tínhamos uma plateia. Os lobisomens fazem com que seja difícil ter uma conversa privada.

— Vens comigo à reserva?

Podia estar a falar da Reserva de Umatilla, que era a uma distância curta de Tri-Cidades. Mas era Zee, portanto estava a falar da Reserva de Seres Feéricos Ronald Wilson Reagan, mesmo do lado de cá de Walla Walla, mais conhecida nestas bandas por Fairyland.

— Agora? — perguntei.

Além disso... Relanceei os olhos ao vampiro na televisão de ecrã gigante. Ainda não tinham feito a coisa certa, não tinham capturado o verdadeiro *mal* — mas, de qualquer modo, estava perto de mais para servir de consolo. De certo modo, não me sentia particularmente triste por perder o resto do filme — ou mais conversas sobre a minha vida amorosa.

— Não — disse Zee irritadamente. — Para a semana que vem. *Jetzt*. Agora, claro. Onde é que estás? Eu vou buscar-te.

— Sabes onde fica a casa do Kyle? — perguntei.

— Kyle?

— O namorado do Warren. — Zee conhecia Warren; não me tinha apercebido de que não conhecera Kyle. — Estamos em West Richland.

— Dá-me a morada. Eu dou com a casa.

A carrinha de Zee ronronava através da autoestrada apesar de ser mais velha do que eu. Pena é que os estofos não estivessem em tão bom estado

como o motor — desviei o traseiro alguns centímetros para evitar que uma mola caprichosa se afundasse demasiado.

As luzes do painel de instrumentos iluminavam o rosto de feições irregulares que Zee apresentava ao mundo. O seu fino cabelo branco estava ligeiramente desarranjado, como se tivesse estado a esfregá-lo com as mãos.

Warren não dissera mais nada acerca de Adam ou Samuel depois de eu ter desligado o telefone porque Kyle, graças a Deus, tinha regressado com os *brownies*. Não que a interferência de Warren me incomodasse — eu tinha interferido quanto bastasse na sua vida amorosa e entendia que ele tinha o direito de fazê-lo. Simplesmente não queria mais pensar sobre o assunto.

Zee e eu seguimos a maior parte do caminho, desde West Richland, passando por Richland até Pasco, em silêncio. Sabia que não devia tentar sacar nada do velho *gremlin* até que ele estivesse pronto a falar, portanto deixei-o em paz até se decidir a abrir a boca — pelo menos após as primeiras dez ou quinze perguntas a que não tinha respondido.

— Alguma vez foste à reserva? — perguntou abruptamente enquanto atravessávamos o rio mesmo à saída de Pasco na autoestrada para Walla Walla.

— Não. — A reserva de seres feéricos no Nevada acolhia visitantes com prazer. Tinham construído um casino e um pequeno parque temático para atrair turistas. A reserva de Walla Walla, contudo, desencorajava ativamente a entrada de quem não fosse um ser feérico. Não sabia ao certo se eram os agentes federais ou os próprios seres feéricos os responsáveis pela reputação pouco simpática.

Zee, num gesto triste, deu pancadas ao de leve no volante com mãos que pertenciam a um homem que passara toda a vida a reparar carros, robustas e marcadas com cicatrizes e com óleo tão entranhado que nem pedra-pomes o removeria.

Eram as mãos indicadas para o humano que Zee fingira ser. Quando os Senhores Cinzentos, os poderosos e impiedosos seres que governavam as criaturas feéricas em segredo, o forçaram a admitir ao público o que era há alguns anos, uma década ou mais após a primeira criatura feérica ter vindo a público, Zee não se preocupara minimamente em alterar o seu aspeto exterior.

Conhecia-o há um pouco mais de dez anos, e o rosto de velho car-rancudo fora o único que lhe vira. Ele tinha outro; eu sabia disso. A maior parte dos seres feéricos vivia no seio de humanos através do seu *glamour*, mesmo que admitissem o que eram. As pessoas simplesmente não estão preparadas para lidar com a verdadeira aparência de uma criatura feérica. Claro, algumas delas tinham um aspeto suficientemente humano, mas

também não envelhecem. O cabelo a começar a rarear e a pele enrugada e manchada pela idade eram sinais inequívocos de que Zee não ostentava a sua verdadeira face. A sua expressão carrancuda, todavia, não era nenhum disfarce.

— Não comas nem bebas nada — disse abruptamente.

— Eu li todos os contos de fadas — lembrei-o. — Nada de comida, nada de bebida. Nada de favores. Nada de agradecer a ninguém.

Grunhiu.

— Contos de fadas. Malditas histórias para crianças.

— Também li Katherine Briggs — indiquei. — E os livros originais dos Irmãos Grimm. — Sobretudo à procura de alguma menção a um ser feérico que pudesse ter sido Zee. Não falava sobre o assunto, embora eu pense que ele tivesse sido Alguém. Portanto descobrir quem tinha sido ele tinha-se tornado uma espécie de passatempo para mim.

— É melhor. É melhor, mas não é grande coisa. — Pôs-se a tamborilar com os dedos no volante. — Briggs era uma arquivista. Os seus livros são tão corretos como as suas fontes e são, sobretudo, perigosamente incompletos. As histórias dos Irmãos Grimm dizem mais respeito ao entretenimento do que à realidade. Ambos são *nur Schatten...* apenas sombras da realidade. — Olhou para mim, um breve olhar perscrutador. — O Tio Mike sugeriu que talvez pudesses ser útil aqui. Entendi que seria uma retribuição melhor do que aquela que de outro modo te poderia calhar.

Para matar o vampiro feiticeiro, que estava a ser gradualmente dominado pelo demónio que o tornara feiticeiro, Zee tinha arriscado a ira dos Senhores Cinzentos ao conceder-me um par de preciosidades dos seres feéricos. Tinha matado, e bem matado, aquele feiticeiro, e depois tinha matado aquele que o criara. Como acontece nas histórias, se se usar uma dádiva feérica mais vezes do que as permitidas, há consequências.

Se soubesse que esta ia ser a retribuição pelos favores prestados, teria ficado mais apreensiva desde o início: a última circunstância em que tivera de retribuir um favor não tinha acabado bem.

— Não vai haver problema — disse-lhe apesar do nó frio de pavor no meu estômago.

Lançou-me um olhar maldisposto.

— Não tinha pensado sobre o que pode significar trazer-te para a reserva depois do anoitecer.

— As pessoas vão para a reserva — afirmei, apesar de na verdade não ter a certeza disso.

— Não pessoas como tu, e nenhum visitante depois de escurecer. — Abanou a cabeça. — Um humano entra e vê o que deveria ver, especialmente à luz do dia, quando os seus olhos são mais fáceis de enganar. Mas

tu... Os Senhores Cinzentos proibiram a caça aos humanos, mas temos o nosso quinhão de predadores e é difícil contrariar a natureza. Especialmente quando os Senhores Cinzentos que definem as nossas regras não estão aqui. Sou só eu. E se vires o que não deverias, haverá quem diga que estava apenas a proteger aquilo a que é obrigado...

Apenas quando mudou para o Alemão é que me apercebi de que estava a falar consigo mesmo durante a última metade do discurso. Graças a Zee, o meu Alemão era melhor do que o tinha aprendido em dois anos de faculdade, mas não bom ao ponto de conseguir acompanhá-lo quando ia embalado.

Passava das oito da noite, mas o sol ainda lançava o seu olhar quente sobre as árvores nos contrafortes ao nosso lado. As árvores maiores ainda estavam verdes, mas alguns dos arbustos mais pequenos davam indícios das gloriosas cores do outono.

Perto de Tri-Cidades, as únicas árvores encontravam-se na cidade, onde as pessoas as mantinham regadas ao longo dos brutais verões, ou ao longo de um dos rios. Mas à medida que nos acercávamos de Walla Walla, onde as Blue Mountains ajudavam a espremer um pouco mais de humidade do ar, a região rural tornava-se lentamente mais verde.

— O pior é que — disse Zee, mudando finalmente para o Inglês — não me parece que nos possas vir a dizer alguma coisa que nós já não saibamos.

— Em relação a quê?

Fitou-me acanhadamente, algo que encaixava de forma estranha no seu rosto.

— *Ja*, estou a misturar isto. Deixa-me começar de novo. — Inalou uma porção de ar e libertou-a com um suspiro. — Dentro da reserva, fazemos a nossa própria aplicação da lei. Temos esse direito. Fazemo-lo discretamente porque o mundo humano não está preparado para as formas que temos de aplicar a lei. Não é lá muito fácil prender um de nós, não é verdade?

— Os lobisomens têm o mesmo problema — comentei.

— *Ja*, aposto que sim. — Assentiu com um aceno de cabeça brusco. — Ora, tem havido mortes na reserva ultimamente. Nós achamos que se trata da mesma pessoa em todos os casos.

— Pertences à força policial da reserva? — perguntei.

Abanou a cabeça.

— Nós não temos isso. Não nesses moldes. Mas o Tio Mike está no Conselho. Ele achou que o teu olfato apurado poderia ser útil e mandou-me ir buscar-te.

O Tio Mike era dono de um bar em Pasco que servia os seres feéricos e algumas das outras pessoas mágicas que viviam na cidade. Que ele era poderoso, sempre soubera — de outro modo como conseguiria ele enco-



brir tantas criaturas feéricas? Não fazia ideia de que pertencia ao Conselho. Talvez se tivesse conhecimento da existência de um conselho pudesse ter suspeitado.

— Nenhum de vocês é capaz de fazer o mesmo que eu? — Levantei uma mão para impedi-lo de responder de imediato. — Não que eu me importe. Consigo imaginar formas bem piores de pagar a minha dívida. Mas porquê eu? O gigante do Jack não sentiu o cheiro do sangue de um inglês por causa do Pete? E a magia? Nenhum de vocês é capaz de encontrar o assassino com magia?

Não sei muito sobre magia, mas tenderia a acreditar que uma reserva de seres feéricos teria alguém cuja magia seria mais útil do que o meu olfato.

— Talvez os Senhores Cinzentos fossem capazes de fazer magia para descobrirem o culpado — disse Zee. — Mas não queremos chamar a atenção deles, é muito arriscado. Tirando os Senhores Cinzentos... — Encolheu os ombros. — O assassino está a revelar-se surpreendentemente esquivo. No que diz respeito ao olfato, a maior parte de nós não é dotada a esse nível. Foi um talento em grande medida dado apenas às bestas. Assim que determinaram que seria mais seguro para todos nós misturarmos-nos com os humanos em vez de vivermos à parte, os Senhores Cinzentos mataram a maior parte das bestas entre nós que tinham sobrevivido à chegada de Cristo e do ferro frio. Talvez haja uma ou duas aqui com a capacidade de farejar pessoas, mas são tão impotentes que não são fiáveis.

— Como assim?

Dirigiu-me um olhar carregado.

— Os nossos procedimentos são diferentes dos vossos. Se alguém não tem poder para se proteger, não se pode dar ao luxo de ofender ninguém. Se o assassino for poderoso ou bem relacionado, nenhuma das criaturas feéricas capaz de lhe sentir o cheiro se mostrará disposta a acusá-lo.

Sorriu, num pequeno e amargo movimento subtil dos lábios.

— Podemos não ter a possibilidade de mentir... mas a verdade e a honestidade são bastante diferentes.

Eu tinha sido criada por lobisomens que conseguiam, na sua maioria, cheirar uma mentira a noventa metros. Conhecia bem a diferença entre verdade e honestidade.

Havia algo em relação ao que tinha dito...

— Hum. Eu não sou poderosa. O que é que acontece se eu disser alguma coisa que ofenda?

Sorriu.

— Estarás aqui como minha convidada. É possível que não sirva para te manter fora de perigo no caso de veres de mais. As nossas leis são claras em relação a como lidar com mortais que vagueiam por Underhill e veem

mais do que deviam. O facto de teres sido convidada pelo Conselho, que sabe o que tu és, e que não és propriamente humana, deve dar-te alguma imunidade. Mas quem se sentir ofendido quando falares a verdade terá, segundo as nossas leis para convidados, de vir atrás de mim e não de ti. E *eu* sei proteger-me.

Acreditei no que me disse. Zee auto-denomina-se *gremlin*, o que provavelmente é mais preciso do que impreciso — à exceção do facto de a palavra *gremlin* ser muito mais recente do que Zee. Ele é um dos poucos tipos de seres feéricos que têm uma afinidade com o ferro, o que lhe dá toda a espécie de vantagens em relação aos outros seres feéricos. O ferro é fatal para a maior parte deles.

Não havia qualquer tabuleta que indicasse a bem preservada estrada do distrito para a qual metera depois de sair da autoestrada. A estrada serpenteava através de pequenas colinas arborizadas que me faziam lembrar mais Montana do que o território árido, coberto de bromo e artemísias em redor de Tri-Cidades.

Contornámos uma esquina, seguimos através de uma parcela de terreno povoada de álamos, e emergimos entre duas paredes de blocos de cimento cor de canela que se erguiam de ambos os lados, com cinco metros de altura e arame de concertina ao longo do topo para fazer com que os convidados se sentissem ainda mais bem-vindos.

— Parece uma prisão — comentei. A combinação de estrada estreita e paredes altas fez-me sentir claustrofóbica.

— Sim — concordou Zee com um tom sombrio. — Esqueci-me de perguntar, tens a carta de condução contigo?

— Sim.

— Ótimo. Mercy, quero que mantenha presente que há muitas criaturas na reserva que não gostam de humanos, e tu estás suficientemente próxima de um humano para não caíres nas graças deles. Se ultrapassares demasiado os limites, matam-te primeiro e depois deixam-me a tarefa de fazer justiça.

— Eu vou ter cuidado com o que digo — repliquei.

Grunhiu num gesto de divertimento pouco lisonjeiro.

— Só acredito quando vir. Quem me dera que o Tio Mike também estivesse aqui. Nesse caso não se atreveriam a incomodar-te.

— Pensava que isto tinha sido ideia do Tio Mike.

— E foi, mas ele está a trabalhar e esta noite não pode sair da taberna.

Devemos ter percorrido um quilómetro até finalmente a estrada fazer uma curva abrupta à direita e revelar uma casa de guarda e um portão. Zee parou a carrinha e abriu o vidro à manivela.

O guarda vestia um uniforme militar com um emblema enorme do GAF no braço. Não estava suficientemente familiarizada com o GAF (Gabinete de Assuntos Feéricos) para saber que unidade militar estava associada a ele — se é que estava alguma. O guarda tinha aquele ar de segurança contratado, como se se sentisse um pouco deslocado no uniforme mesmo apreciando o poder que este lhe dava. No crachá que tinha ao peito lia-se O'DONNELL.

Inclinou-se para a frente e senti um bafo de alho e suor, embora não cheirasse a não lavado. Simplesmente o meu olfato é mais sensível do que o da maior parte das pessoas.

— Identificação — disse.

Apesar do seu nome irlandês, parecia mais italiano ou francês do que irlandês. Tinha traços bem marcados e o cabelo começava a rarear.

Zee abriu a carteira e entregou-lhe a carta de condução. O guarda perscrutou a fotografia com grande zelo e olhou para Zee. Depois acenou afirmativamente com a cabeça e grunhiu:

— A dela também.

Já tinha tirado a carteira da bolsa. Entreguei a minha carta a Zee para que ele a passasse ao guarda.

— Não tem designação — disse O'Donnell, passando o polegar no canto da minha carta.

— Ela não é um ser feérico, meu senhor — explicou Zee num tom deferente que nunca lhe tinha escutado.

— Deveras? O que a traz por cá?

— Ela é minha convidada — respondeu Zee, falando rapidamente como se soubesse que eu estava prestes a dizer ao imbecil que não tinha nada a ver com isso.

E ele era, de facto, um imbecil, ele e quem quer que estivesse à frente da segurança. Identificações com fotografias para os seres feéricos? A única coisa que todos os seres feéricos têm em comum é o *glamour*, a capacidade de alterarem a sua aparência. A ilusão é tão boa que afeta não só os sentidos humanos, como a realidade física. É por isso que um ogre de duzentos e trinta quilos e três metros de altura é capaz de usar um vestido tamanho 36 e conduzir um *Mazda MX-5*. Não é uma metamorfose, segundo me disseram. Mas no que me diz respeito, pouca diferença me faz.

Não sei que tipo de identificação os teria obrigado a usar, mas uma identificação com fotografia era inútil. É claro que os seres feéricos tentavam ao máximo fingir que apenas conseguiam assumir uma forma humana sem nunca dizerem exatamente isso. Talvez tivessem convencido um burocrata qualquer a acreditar nisso.

— Por favor, importa-se de sair da carrinha, minha senhora? — disse

o imbecil, saindo da casa de guarda e contornando a carrinha pela parte da frente até chegar ao meu lado do veículo.

Zee fez um aceno com a cabeça. Saí do carro.

O guarda rodeou-me e tive de reprimir a minha rosnadela. Não gosto de ter pessoas que não conheço a andar atrás de mim. Não era tão estúpido como tinha parecido inicialmente porque se apercebeu disso e voltou a caminhar em meu redor.

— O Brass não gosta de visitantes civis, especialmente depois do anoitecer — disse a Zee, que tinha saído da carrinha para se postar ao meu lado.

— Eu tenho permissão, meu senhor — replicou Zee, ainda naquele tom deferente.

O guarda resmoneou e folheou algumas páginas do seu bloco de notas com mola, embora na verdade não creia que estivesse a ler nada.

— Siebold Adelbertsmiter. — Pronunciou mal o nome de Zee, fazendo com que este soasse a Seabold em vez de Zeebolt. — Michael McNellis e Olwen Jones. — Michael McNellis podia ser o Tio Mike, ou não. Não conhecia nenhuma criatura feérica chamada Olwen, mas podia contar pelos dedos de uma mão, e ainda sobravam, as criaturas feéricas que conhecia pelo nome. Na sua maioria, os seres feéricos guardavam-nos para si.

— Isso mesmo — disse Zee com uma falsa paciência que soava genuína; apenas sabia que era falsa porque Zee não tinha paciência para imbecis — nem para mais ninguém, diga-se. — Eu sou o Siebold. — Pronunciou-o do mesmo modo que O'Donnell.

O tirano insignificante ficou-me com a carta e regressou ao seu pequeno escritório. Permaneci no mesmo sítio, portanto não conseguia ver exatamente o que fazia, embora escutasse o som de teclas de computador. Regressou passados uns minutos e devolveu-me a carta.

— Não se meta em sarilhos, Mercedes Thompson. Fairyland não é um lugar para menininhas bem comportadas.

Obviamente O'Donnell tinha estado doente no dia de formação em sensibilidade. Por norma não sou muito picuinhas, mas havia algo de insultuoso no modo como dissera «menininha». Consciente do olhar circunspeto de Zee, peguei na carta e enfiei-a no meu bolso, tentando guardar para mim aquilo que estava a pensar.

Não creio que a minha expressão tenha sido suficientemente agradável, porque espetou a cara dele na minha.

— Ouviu o que eu disse, menina?

Senti o cheiro a pernil assado com mel e a mostarda da sandes que tinha comido ao jantar. Quanto ao alho, provavelmente tinha-o comido na noite anterior. Talvez tivesse jantado piza ou lasanha.

— Ouvi o que disse — respondi no tom mais neutro que consegui, mas que claramente não foi bem conseguido.

Tateou a arma que tinha na anca. Olhou para Zee.

— Ela pode ficar duas horas. Se depois disso não tiver saído, vamos à procura dela.

Zee inclinou a cabeça como fazem os lutadores nos filmes de karaté, sem desviar os olhos da cara do guarda. Esperou até que o guarda regressasse ao seu escritório antes de voltar a entrar no carro, e eu segui-lhe o gesto.

O portão de metal abriu-se de par em par com uma relutância que espelhava a postura de O'Donnell. O aço de que era feito foi o primeiro sinal de competência que vi. A menos que houvesse vergalhão nas paredes, o cimento poderia impedir que pessoas como eu entrassem, mas jamais impediria os seres feéricos de sair. O arame de concertina era demasiado brilhante para ser feito de outra coisa que não alumínio, e o alumínio não incomoda minimamente os seres feéricos. É claro que, aparentemente, a reserva tinha sido feita para delimitar a zona onde os seres feéricos viviam bem como para protegê-los, portanto não devia fazer diferença que eles pudessem entrar e sair conforme lhes aprouvesse, com ou sem portão guardado.

Zee atravessou os portões e entrou em Fairyland.

Não sabia o que esperar da reserva; habitações militares de alguma espécie, talvez, ou pequenas casas de campo inglesas. Em vez disso, havia fileiras atrás de fileiras de casas de rancho bonitas e bem preservadas com anexos de garagens para um carro, dispostas com pátios de dimensão semelhante e vedações idênticas, redes metálicas em redor do pátio da frente, cedros de um metro e oitenta em redor do jardim das traseiras.

A única diferença de uma casa para a outra estava na cor e na folhagem nos pátios. Sabia que a reserva existia aqui desde os anos oitenta, mas parecia ter sido construída há um ano.

Havia carros espalhados aqui e acolá, sobretudo SUV e carrinhas, mas não vi nenhuma pessoa. O único indício de vida, excetuando Zee e eu própria, era um grande cão preto que nos fitava com olhos inteligentes do pátio de uma casa amarelo-pálida.

O cão elevou o efeito Stepford<sup>1</sup> a um nível *über* sinistro.

Virei-me para comentar isso com Zee quando me apercebi de que o meu olfato me estava a comunicar coisas estranhas.

— Onde é que está a água? — perguntei.

---

<sup>1</sup> Do romance *Mulheres Perfeitas* (*The Stepford Wives*), de Ira Levin, que narra a história de um grupo de donas de casa assustadoramente submissas que se suspeita serem robots criados pelos maridos. (*N. do T.*)

— Que água? — replicou, erguendo uma sobrancelha.

— Cheira-me a pântano: água e putrefação e coisas a crescer.

Dirigiu-me um olhar que não consegui decifrar.

— Isso foi o que eu disse ao Tio Mike. O nosso *glamour* funciona melhor para a visão e o tato, é muito bom para o paladar e a audição, mas não tão bom para o olfato. A maior parte das pessoas não tem um olfato apurado ao ponto de o cheiro ser um problema. Percebeste que eu era um ser feérico através do olfato logo que me conheceste.

Na verdade, ele estava enganado. Nunca conheci duas pessoas que tivessem exatamente o mesmo cheiro — pensara que aquele odor terroso que ele e o seu filho Tad partilhavam era apenas parte das suas essências individuais. Só muito tempo depois é que aprendi a distinguir entre seres feéricos e humanos. A menos que se viva a uma hora de carro de uma das quatro reservas de criaturas feéricas dos Estados Unidos, a probabilidade de deparar com uma não é muito elevada. Até me ter mudado para Tri-Cidades e começado a trabalhar para Zee, nunca tinha conhecido conscientemente um ser feérico.

— Então onde fica o pântano? — perguntei.

Abanou a cabeça.

— Espero que consigas perceber os meios, sejam eles quais forem, que o nosso assassino usou para se disfarçar. Mas para o teu próprio bem, *Liebling*, espero que deixes cá dentro os segredos da reserva se conseguires.

Meteu para uma rua que descia e que se parecia exatamente com as primeiras quatro que tínhamos percorrido — à exceção de uma rapariga com cerca de oito ou nove anos que brincava com um ioiό num dos pátios. Observava o brinquedo giratório e baloiçante com uma atenção solene que não se alterou quando Zee estacionou o carro em frente à sua casa. Quando Zee abriu o portão, pegou o ioiό numa mão e fitou-nos com olhos adultos.

— Não entrou ninguém — disse.

Zee assentiu com a cabeça.

— Este é o local do último crime — explicou-me. — Encontrámo-lo esta manhã. Há mais seis. Os restantes têm muitas pessoas a entrar e a sair, mas excetuando esta — indicou a rapariga com um aceno de cabeça —, que é um membro do Conselho, e o Tio Mike, não houve mais nenhum intruso desde a morte dele.

Olhei para a criança que era um dos membros do Conselho e ela dirigiu-me um sorriso e fez rebentar o balão que fizera com a pastilha elástica.

Decidi que era mais seguro ignorá-la.

— Queres ver se eu consigo sentir o cheiro de alguém que tenha estado em todas as casas?

— Se conseguires.

— Não existe propriamente uma base de dados onde os odores estão armazenados como acontece com as impressões digitais. Mesmo que eu lhe sinta o cheiro, não vou ter a mais pálida ideia de quem possa ser, a menos que sejas tu, o Tio Mike ou aqui o teu membro do Conselho. — Acenei com a cabeça na direção da Rapariga do Ioió.

Zee sorriu sem humor.

— Se conseguires detetar um cheiro que esteja em todas as casas, acompanho-te pessoalmente ao longo de toda a reserva ou de todo o Estado de Washington até encontrares o assassino filho de uma puta.

Foi então que percebi que se tratava de uma questão pessoal. Zee não era muito de dizer palavrões e nunca o fazia em Inglês. *Putá*, em particular, era uma palavra que nunca tinha usado na minha presença.

— Nesse caso é melhor eu fazer isto sozinha — disse-lhe. — Para que os cheiros que trazes contigo não contaminem o que já lá está. Importas-te que eu use a carrinha para me transformar?

— *Nein, nein* — respondeu. — Vai-te transformar.

Regressei à carrinha e senti o olhar fixo da rapariga atrás de mim durante todo o percurso. Tinha um ar demasiado inocente e indefeso para ser outra coisa que não um ser verdadeiramente ruim.

Entrei na carrinha, no lado do passageiro para conseguir o maior espaço possível, e tirei toda a minha roupa. Para os lobisomens, a transformação é muito dolorosa, especialmente se esperarem demasiado tempo para se transformarem numa noite de Lua cheia e a Lua os impelir a transformar-se.

A mim a transformação não causa qualquer dor — na verdade, a sensação é boa, como um alongamento completo depois de fazer exercício físico. Fico com fome, contudo, e se passar de uma forma para a outra com demasiada frequência, canso-me.

Fechei os olhos e passei de humana à minha forma de coiole. Cocei uma orelha com a pata traseira para pôr fim ao zumbido e em seguida pulei pela janela que tinha deixado aberta.

Os meus sentidos enquanto humana são apurados. Quando mudo de forma, melhoram um pouco, mas é mais que isso. Na forma de coiole, a informação que os meus ouvidos e o meu nariz me estão a dar concentra-se melhor do que quando estou na forma humana.

Pus-me à procura no passeio mesmo a seguir ao portão, tentando sentir os cheiros da casa. Na altura em que alcancei o alpendre, já conhecia o cheiro do macho (não era com certeza um homem, embora não conseguisse determinar com exatidão o que era) que tinha feito desta a sua casa. Consegui também detetar os cheiros das pessoas que a visitavam com maior frequência, pessoas como a rapariga, que entretanto brincava novamente

com o seu ioió giratório e agitado — embora estivesse de olhos postos em mim e não no brinquedo.

Com exceção da sua primeira afirmação, ela e Zee não tinham trocado uma palavra que eu tivesse escutado. Podia significar que não gostavam um do outro, mas a linguagem corporal deles não era rígida ou hostil. Talvez simplesmente não tivessem nada para dizer.

Zee abriu a porta no momento em que parei diante dele, e um sopro de morte foi expelido para o exterior.

Não consegui evitar recuar um passo. Ao que parecia, nem mesmo um ser feérico estava imune às indignidades da morte. A cautela que me fez rastejar sobre o limiar até à entrada não era necessária, mas algumas coisas, especialmente na forma de coioote, são instintivas.



Não foi difícil seguir o cheiro a sangue até à sala de estar, onde o ser feérico tinha sido morto. Havia generosos salpicos de sangue espalhados por diversas peças de mobiliário e pelo tapete, com uma mancha maior no local onde o corpo evidentemente se imobilizara de vez. Os seus restos mortais tinham sido removidos, mas não fora feito qualquer esforço para limpar o local.

Aos meus olhos leigos, não parecia que tivesse oferecido muita resistência uma vez que não havia nada partido ou revirado. Dava mais a ideia de que alguém se tinha deleitado ao dilacerá-lo.

Tinha sido uma morte violenta, perfeita para criar fantasmas.

Não tinha a certeza se Zee e o Tio Mike sabiam dos fantasmas. Embora eu nunca o tivesse tentado esconder — durante muito tempo não me tinha apercebido de que não era algo que toda a gente pudesse fazer.

Fora assim que eu matara o segundo vampiro. Os vampiros têm a capacidade de esconder os seus locais de descanso diurno, mesmo do olfato de um lobisomem — ou coiole. Nem mesmo os bons utilizadores de magia conseguem quebrar os seus feitiços de proteção.

Mas eu consigo encontrá-los. Porque as vítimas de mortes traumáticas tendem a perdurar como fantasmas — e os vampiros têm vítimas traumatizadas de sobra.

Essa é a razão pela qual não há muitos caminhantes (nunca conheci outro) — os vampiros mataram-nos a todos.

No entanto se o ser feérico cujo sangue pintou o chão e as paredes se transformara em fantasma, não tinha qualquer desejo de me ver. Não ainda.

Aninhei-me na ligação entre o vestíbulo e a sala de estar e fechei os olhos, para me concentrar mais naquilo que cheirava. O odor da vítima de homicídio, pu-lo de lado. Cada casa, à semelhança de cada pessoa, tem um odor. Começaria por aí e discriminaria os odores que não pertenciam ali. Detetei o cheiro essencial da sala, neste caso sobretudo fumo de cachimbo, fumo de madeira queimada e lã. O cheiro de madeira queimada era estranho.

Abri os olhos e olhei em volta por via das dúvidas, mas não havia qualquer indício de uma lareira. Se o cheiro fosse mais ténue, teria presumido que alguém entrara com ele entranhado na roupa — mas o cheiro era dominante. Talvez ele tivesse arranjado algum incenso ou coisa parecida que cheirasse a fogueira.

Uma vez que descobrir a misteriosa causa do cheiro a madeira queimada provavelmente seria inútil, voltei a colocar o queixo sobre as patas dianteiras e fechei os olhos novamente.

Depois de saber qual o cheiro da casa, foi-me mais fácil separar os odores ligeiros que corresponderiam às coisas vivas que tinham entrado e saído. Como prometido, descobri que o Tio Mike tinha estado aqui. Também distingi o cheiro apimentado da Rapariga do Ioió, tanto recente como antigo. Ela tinha estado aqui muitas vezes.

Absorvi todos os cheiros restantes até sentir que poderia relembrá-los quando quisesse. A minha memória olfativa é um pouco melhor do que a visual. Posso esquecer-me da cara de alguém, mas raramente me esqueço do seu cheiro — ou da voz.

Abri os olhos para investigar a casa mais a fundo e... tudo tinha mudado.

A sala de estar em que entrara era um tanto pequena, bem arranjada e tão insípida quanto o exterior da casa. A sala em que agora me encontrava tinha quase o dobro do tamanho. Em vez de placas de reboco, almofadas de carvalho polido forravam as paredes, cheias de pequenas tapeçarias intrincadas ilustrando cenas na floresta. O sangue da vítima, que tinha acabado de ver espalhado num tapete bege, cobria, agora, um tapete de trapilho e estendia-se ao chão de madeira lustrosa.

Contra a parede da frente onde existia uma janela sobranceira à rua estava disposta uma lareira feita de seixos. Agora não havia janelas naquele lado da sala, mas havia imensas janelas no outro lado, e através do vidro conseguia ver uma floresta que nunca crescera no clima seco de Washington oriental. Era grande de mais para caber no pequeno jardim das traseiras que estava cercado por uma vedação de cedros.

Coloquei as patas no peitoril da janela e fitei a floresta, e o pasmo substituiu a infantil desilusão de descobrir que a reserva era um subúrbio particularmente vulgar.

O coioite queria ir explorar os segredos que sabíamos que se escondiam na profunda floresta verde. Mas tínhamos um trabalho a fazer. Portanto afastei o focinho do vidro e pulei através das partes do chão que estavam secas até regressar à entrada — que mantinha o mesmo aspeto.

Havia dois quartos, duas casas de banho e uma cozinha. O meu trabalho foi facilitado porque apenas estava interessada em odores recentes, pelo que a procura não me levou muito tempo.

Quando voltei a olhar para a sala de estar, estava eu a sair da casa, a sua janela ainda dava para a floresta e não para o jardim das traseiras. Os meus olhos detiveram-se um momento na poltrona que estava posicionada de modo a que dela se olhasse diretamente para as árvores. Quase conseguia vê-lo ali sentado, desfrutando da natureza enquanto fumava o seu cachimbo num nevoeiro de fumo com cheiro forte.

Mas não o vi, não de facto. Não era um fantasma, apenas uma invenção resultante da minha imaginação, do cheiro a fumo de cachimbo e da floresta. Ainda não sabia o que tinha sido, para além de poderoso. Esta casa iria lembrar-se dele durante muito tempo, mas não guardava quaisquer fantasmas inquietos.

Saí pela porta da frente, aberta, e regresssei ao insípido mundinho que os humanos tinham construído para os seres feéricos para mantê-los fora das suas cidades. Perguntei-me quantas mais daquelas vedações de cedros opacas esconderiam florestas — ou pântanos — e dei graças por a minha forma de coioite me impedir de fazer perguntas. Duvido que de outro modo tivesse a força de vontade para ficar de bico calado, e ocorreu-me que a floresta era uma daquelas coisas que eu não devia ver.

Zee abriu-me a porta da carrinha e pulei para o interior de modo a que me pudesse levar ao local seguinte. A rapariga observou-nos partir, ainda sem falar. Não fui capaz de lhe ler a expressão no rosto.

A segunda casa em que parámos era um clone da primeira, até ao por menor da cor da moldura em volta das janelas. A única diferença era que o pátio da frente tinha um pequeno lilás e um canteiro de flores a um lado do passeio, um dos poucos canteiros de flores que tinha visto desde que tinha chegado. As flores estavam todas mortas e a relva estava amarelecida e a necessitar desesperadamente de ser cortada.

Não havia nenhum guardião neste alpendre. Zee colocou a mão na porta e parou sem a abrir.

— A casa onde estiveste foi onde se deu a última morte. Esta foi onde se deu a primeira e imagino que desde então muita gente tenha entrado e saído.

Sentei-me e olhei para cima na direção da sua cara: esta dizia-lhe alguma coisa.

— Ela era minha amiga — disse lentamente à medida que a mão que tinha na porta se cerrava num punho. — O nome dela era Connora. Tinha sangue humano como o Tad. O dela era mais antigo, mas deixou-a fraca. — Tad era o filho dele, meio humano e atualmente na universidade. O seu sangue humano não tinha, ao que me era dado a ver, diminuído a afinidade com metais que partilhava com o pai. Não sei se tinha herdado a imortalidade do pai: tinha dezanove anos e uma aparência equivalente à idade.

— Era a nossa bibliotecária, a nossa arquivista e colecionadora de histórias. Conhecia todas as lendas, todos os poderes que o ferro frio e o Cristianismo nos roubaram. Ela odiava ser fraca; odiava e desprezava ainda mais os humanos. Mas era bondosa para o Tad.

Zee virou a cara para que eu não conseguisse vê-la e, abrupta e furiosamente, abriu a porta principal.

Uma vez mais entrei na casa sozinha. Se Zee não me tivesse dito que Connora fora uma bibliotecária, talvez tivesse adivinhado. Havia livros empilhados em todo o lado. Em prateleiras, no chão, em cadeiras e em mesas. A maior parte deles não correspondia aos tipos de livros que tinham sido feitos no último século — e nenhum dos títulos que vi estava escrito em Inglês.

Tal como na última casa, o cheiro da morte estava presente, embora, conforme Zee dissera, fosse antiga. A casa cheirava sobretudo a mofo com um ténue odor a comida podre e produtos de limpeza.

Não me tinha dito quando é que ela morrera, mas supus que ninguém tinha entrado aqui durante um mês ou mais.

Há cerca de um mês, o demónio tinha causado toda espécie de violência através da sua simples presença. Tinha a certeza que os seres feéricos tinham tido isso em conta, e estava razoavelmente convicta de que a reserva se encontrava a uma distância suficientemente segura para ter escapado a essa influência. Ainda assim, quando readquirisse a minha forma humana, talvez inquirisse Zee em relação a isso.

O quarto de Connora era agradável e feminino ao estilo de casa de campo inglesa. O chão era de pinho ou outra madeira branda qualquer, coberto com tapetes dispersos tecidos à mão. A colcha da sua cama era um daqueles tecidos brancos finos com nós que sempre associei a hotéis com estadia e pequeno-almoço e avós. O que é estranho, considerando que nunca conheci nenhum dos meus avós — ou dormi num hotel com estadia e pequeno-almoço.

Sobre uma mesinha ao lado da cama estava uma rosa morta numa jarra — e não havia ali um único livro.

O segundo quarto correspondia ao seu escritório. Quando Zee disse

que ela colecionava histórias, de certo modo estava à espera de encontrar blocos de notas e papel, mas a única coisa existente era uma pequena estante com uma embalagem de discos compactos graváveis por abrir. As restantes prateleiras estavam vazias. Alguém lhe tinha levado o computador — embora tivessem deixado a impressora e o monitor; talvez tivessem levado também o que quer que estivesse nas prateleiras.

Saí do escritório e continuei a explorar.

A cozinha fora recentemente esfregada com amoníaco, embora ainda houvesse algo a apodrecer no frigorífico. Talvez fosse esse o motivo pelo qual no balcão repousava um daqueles odiosos ambientadores. Espirrei e recuei. Não ia conseguir detetar nenhum cheiro naquele compartimento — tentar fazê-lo teria como único resultado insensibilizar o meu nariz por causa do ambientador.

Percorri o resto da casa, e por exclusão de partes deduzi que ela tinha morrido na cozinha. Uma vez que a cozinha tinha uma porta e um par de janelas, o assassino podia perfeitamente ter entrado e saído sem deixar cheiros em mais nenhum lado. Registei isso mentalmente, mas ainda assim passei a casa em revista uma segunda vez. Detetei o cheiro de Zee, e, mais vagamente, também o de Tad. Havia três ou quatro pessoas que visitavam esta casa com frequência, e algumas que eram visitas menos frequentes.

Se esta casa guardava segredos como a anterior, não fui capaz de desvendá-los.

Quando saí pela porta principal, a luz do dia tinha quase desaparecido. Zee esperava-me no alpendre de olhos fechados, o rosto ligeiramente virado para os últimos raios de luz que desvaneciam. Tive de ganir para atrair a sua atenção.

— Já acabaste? — perguntou numa voz que era um pouco mais sombria, um pouco mais *outra* do que o habitual. — Uma vez que o homicídio da Connora foi o primeiro, por que é que não vamos aos locais do crime por ordem cronológica? — sugeriu.

O local do segundo homicídio não cheirava de todo a morte. Se alguém tinha morrido aqui, o local fora tão bem limpo que não lhe conseguia sentir o cheiro — ou o ser feérico que aqui tinha vivido estava tão longe da humanidade que a sua morte não deixou nenhum dos familiares indicadores de cheiro.

Havia, contudo, uma série de visitantes comuns a esta casa e às primeiras duas e alguns que tinha encontrado apenas na primeira e terceira casas. Mantive-os na lista de suspeitos porque não tinha sido capaz de detetar cheiros distintos na cozinha da bibliotecária. Além disso, considerando que esta casa estava tão limpa, não podia eliminar por completo nenhuma das pessoas que tivesse estado apenas na primeira casa. Daria jeito conseguir

manter presente onde tinha cheirado quem, mas nunca tinha descortinado nenhuma forma de registrar um cheiro com papel e caneta. Simplesmente teria de fazer o melhor que conseguisse.

A quarta casa a que Zee me levou não possuía na aparência nada que a destacasse das restantes. Uma casa bege insipidamente ornamentada em tons de branco com mais nada para além de erva morta ou em vias disso no pátio.

— Esta não foi limpa — disse carrancudamente enquanto abria a porta. — Depois de haver uma terceira vítima, os esforços deixaram de ser no sentido de esconder o crime dos humanos e passaram a centrar-se na tentativa de descobrir quem é o assassino.

Não estava a brincar quando dissera que não tinha sido limpa. Pulei sobre jornais velhos e roupas espalhadas que tinham sido deixados na entrada.

Este ser feérico tinha sido morto na sala de estar ou na cozinha. Ou no quarto principal onde uma família de ratos estabelecera residência. Fugiram precipitadamente assim que entrei.

A casa de banho principal, por uma qualquer razão que não consegui perceber, cheirava como o oceano e não a rato como o resto deste canto da casa. Impulsivamente, fechei os olhos, tal como fizera na primeira casa, e concentrei-me no que os meus outros sentidos tinham a comunicar-me.

Ouvi-o primeiro, o som da rebentação e do vento. Em seguida, uma brisa gelada agitou-me a pelagem. Dei dois passos em frente e a tijoleira fria amaciou, convertendo-se em areia. Quando abri os olhos, encontrava-me no topo de uma duna arenosa na orla de um oceano.

O vento levantava areia, que me feria o nariz e os olhos e se enfiava na minha pelagem enquanto fitava, abismada, a água ao mesmo tempo que a minha pele murmurava com a magia do lugar. Também aqui o Sol se estava a pôr e a luz transformava o mar em mil tons de laranja, vermelho e cor-de-rosa.

Escorreguei através da vegetaçãoafiada até parar na praia de areia compacta. Ainda não conseguia ver o fim da água cujas ondas cresciam e amansavam até se arrastarem através da praia. Observei as ondas o tempo suficiente para permitir que a maré se aproximasse e me tocasse nos pés.

A água gelada lembrou-me que estava ali para trabalhar, e, por muito belo e impossível que isto fosse, era improvável que encontrasse o assassino aqui. Não sentia qualquer outro cheiro para além do mar e da areia. Voltei-me para percorrer o caminho inverso antes que ficasse noite cerrada, mas atrás de mim apenas via infundáveis dunas de areia com pequenas colinas erguendo-se atrás delas.

Ou o vento tinha apagado da areia a marca das minhas patas enquanto observava a paisagem, ou elas nem sequer tinham chegado a existir. Nem sequer tinha a certeza de qual a encosta que tinha descido.

Congelei, de certo modo convencida de que se me mexesse um passo que fosse nunca mais encontraria o meu caminho de volta. O pacífico feitiço do oceano tinha-se dissipado por completo, e a paisagem, ainda bela, apresentava sombras e uma ameaça.

Sentei-me lentamente, tremendo na brisa. A única coisa que me restava fazer era esperar que Zee me encontrasse, ou que esta paisagem desaparecesse tão rapidamente quanto aparecera. Para esse fim, baixei-me até a minha barriga pousar na areia com o oceano atrás de mim.

Coloquei o queixo sobre as patas, fechei os olhos, e pensei *casa de banho* e em como devia cheirar a rato, tentando ignorar o mar salgado e o vento que me despenteava a pelagem. Mas não desapareceu.

— Ora, ora — disse uma voz masculina —, o que temos nós aqui? Nunca ouvi falar num coiote a errar por Underhill.

Abri os olhos e dei meia volta, aninhando-me como preparação para fugir ou atacar conforme me parecesse apropriado. A cerca de três metros, entre mim e o oceano, um homem observava-me. Pelo menos tinha aspeto de homem. A sua voz soara tão normal, num tom à professor de Harvard, que demorei um momento a aperceber-me do quanto este homem estava longe de ser normal.

Os seus olhos eram mais verdes do que o verde-azeitona com que o Tio Mike vestia os seus empregados de mesa, tão verdes que nem mesmo a escuridão da noite lhes esmorecia a cor. Um longo cabelo claro, humedecido com água salgada e emaranhado com pedaços de plantas marítimas, caía-lhe até à dobra dos joelhos. Estava completamente nu, e confortável com isso.

Não vislumbrei nenhuma arma. Não havia qualquer agressividade na sua postura ou voz, mas os meus instintos estavam aos gritos. Baixei a cabeça, mantendo o contacto visual, e consegui não rosnar.

Permanecer na forma de coiote pareceu-me a coisa mais segura a fazer. Podia pensar que eu era simplesmente um coiote... que tinha vagueado até ao interior da casa de banho de um ser feérico morto e daí até ao sítio onde se encontrava. Pouco provável, tive de admitir. Talvez houvesse outros caminhos para chegar aqui. Não tinha visto nenhum indício de qualquer outra coisa viva, mas talvez ele viesse a acreditar que eu era exatamente aquilo que aparentava.

Mantivemo-nos fixos um no outro durante muito tempo, sem que nenhum de nós se mexesse. A sua pele era bastante mais clara do que o seu cabelo. Conseguia ver o tom azulado das veias mesmo por baixo da pele.

As suas narinas agitaram-se enquanto captava o meu odor, mas eu sabia que cheirava a coiole.

Por que é que Zee não o tinha usado? Obviamente este ser feérico usava o seu olfato, e não me parecia impotente.

Talvez fosse por eles pensarem que ele pudesse ser o assassino.

Passei em revista o folclore enquanto me observava, tentando pensar em todos os seres feéricos de aparência humana que viviam no ou perto do mar. Havia muitos, mas poucos sobre os quais soubesse muita coisa.

Os *selkies* eram os únicos de que eu me lembrava como sendo neutros. Não me pareceu que fosse um *selkie* — sobretudo porque não era possível eu ter tanta sorte — e não cheirava a algo que se transformasse num mamífero. Cheirava a algo frio e relacionado com peixe. Havia coisas mais simpáticas em lagos, mas no mar imperam sobretudo histórias de terror, não *brownies gentis* que mantêm as casas limpas.

— Cheiras a coiole — disse por fim. — Tens aspeto de coiole. Mas nenhum coiole alguma vez vagueou por Underhill até ao Reino do Rei dos Mares. Quem és tu?

— *Gnädiger Herr* — disse Zee cautelosamente a partir de um sítio alçures atrás de mim. — Esta está a trabalhar para nós e perdeu-se.

Às vezes sentia um amor enorme por aquele velhote, mas nunca me tinha sentido tão feliz por ouvir a sua voz.

A criatura feérica do mar não se mexeu exceto para levantar os olhos até eu ter a certeza praticamente absoluta de que olhava para o rosto de Zee. Não queria desviar o olhar, mas recuei um passo até o meu quadril tocar na perna de Zee de modo a certificar-me de que ele não era apenas fruto da minha imaginação.

— Ela não é um ser feérico — disse o ser feérico.

— Nem tão-pouco é humana. — Havia algo na voz de Zee que se aproximava muito da deferência, e percebi que o meu medo tinha razão de ser.

O ser desconhecido avançou abruptamente e apoiou-se sobre um joelho diante de mim. Agarrou-me o focinho pouco preocupado em ter permissão para isso e passou a mão livre pelos meus olhos e orelhas. As suas mãos gélidas não eram bruscas, mas, ainda assim, sem o incentivo de Zee eu era capaz de ter protestado. Largou a minha cabeça abruptamente e levantou-se novamente.

— Ela não usa unguento de elfo, nem tresanda às drogas que ocasionalmente deixam aqui alguém perdido para vaguear e morrer. Que seja do meu conhecimento, embora rara, a sua magia não era tal que pudesse fazer semelhante coisa. Portanto, como veio ela aqui parar?

À medida que falava, apercebi-me de que não era Harvard que lhe escutava na voz, mas a Alegre Inglaterra Antiga.



— Não sei, *mein Herr*. Suspeito que ela também não saiba. Você sabe melhor que ninguém que Underhill é inconstante e solitária. Se a minha amiga quebrou o *glamour* que esconde as passagens, ele não tinha como a impedir de entrar.

A criatura do mar pôs-se muito quieta — e as ondas do oceano caíram vagarosamente como um gato que se preparasse para um ataque súbito. As nuvens no céu escureceram.

— E como é que — disse ele num tom muito baixo — ela ia conseguir quebrar o *glamour*?

— Trouxe-a para nos ajudar a descobrir um assassino porque ela tem um faro muito bom — explicou Zee. — Se o *glamour* tem uma fraqueza, é o cheiro. Assim que quebrou essa parte da ilusão, o resto aconteceu. Ela não é nem poderosa nem uma ameaça.

O oceano atacou sem aviso. Uma onda gigante esbofeteou-me, tirando-me o equilíbrio e a vista. Por momentos roubou-me o calor do corpo e não me parece que tivesse sido capaz de respirar mesmo que o meu nariz não estivesse mergulhado em água.

Uma mão forte agarrou-me a cauda e puxou-me com força. Doeu, mas não protestei porque a água estava a recuar, e se não estivesse a ser agarrada, ter-me-ia arrastado consigo. Assim que o nível da água baixou até aos meus joelhos, Zee largou-me.

Tal como eu, estava encharcado, embora não estivesse a tremer. Tossi para expelir a água salgada que tinha engolido, sacudi a pelagem e depois olhei em volta, mas o ser feérico do mar tinha desaparecido.

Zee tocou-me no lombo.

— Vou ter de te levar ao colo para regressarmos. — Não esperou por uma resposta, simplesmente pegou em mim. Houve um momento nauseante quando senti tudo à roda, e em seguida ele pousou-me no azulejo do chão da casa de banho. A divisão estava negra como breu.

Zee ligou a luz, que era amarela e parecia artificial depois das cores do pôr do Sol.

— Consegues continuar? — perguntou-me.

Olhei para ele, mas abanou a cabeça contundentemente. Não queria falar sobre o que tinha acontecido. Fiquei chateada, mas tinha lido contos de fadas suficientes para saber que por vezes falar sobre um ser feérico de forma demasiado direta permite que ele ouça o que é dito. Quando o tirasse da reserva, obteria respostas nem que tivesse de o obrigar a dar-mas.

Até lá, pus a minha curiosidade de lado para ponderar a sua pergunta. Espirrei duas vezes para desimpedir o nariz e depois aproximei-o do chão para descobrir mais pessoas que tinham estado nesta casa.

Desta vez Zee veio comigo, mantendo-se atrás de mim de modo a não

interferir, mas seguindo-me de perto. Não disse mais nada e ignorei-o ao mesmo tempo que me esforçava por encontrar uma explicação para o que acabara de me acontecer. Esta casa era real? Zee dissera ao outro ser feérico que eu tinha quebrado o *glamour* — isso não significaria que a outra paisagem seria a real? Mas isso significaria que havia aqui um oceano inteiro, o que parecia altamente improvável — embora ainda conseguisse cheirá-lo se tentasse. Sabia que Underhill era o reino das fadas, mas as histórias em relação a ele eram bastante vagas quando não eram absolutamente contraditórias.

O Sol tinha-se posto completamente e Zee foi ligando luzes à medida que avançávamos. Embora eu conseguisse ver perfeitamente na escuridão, fiquei grata pelo facto de haver luz. O meu coração ainda tinha a certeza de que íamos ser comidos, e martelava com o dobro da sua velocidade habitual.

O desagradável perfume da morte atraiu a minha atenção para uma porta fechada. Se estivesse sozinha, poderia ter aberto facilmente a porta, mas acredito na ideia de fazer uso dos outros. Gani (os coiotes não conseguem ladrar, não como um cão) e Zee abriu obedientemente a porta, revelando as escadas que desciam para uma cave. Era a primeira casa que tinha cave — a menos que as outras tivessem sido de alguma maneira escondidas.

Desci as escadas aos saltos. Zee ligou as luzes e seguiu-me. O grosso da cave tinha o aspeto que as caves normalmente têm: tralha armazenada sem critério, paredes inacabadas e chão de cimento. Percorri lentamente o chão, seguindo a morte até uma porta, completamente fechada. Zee abriu-ma sem que lho pedisse e descobri, finalmente, o sítio onde o ser feérico que aqui vivera tinha sido assassinado.

Contrariamente ao resto da casa, esta divisão encontrava-se imaculada até o residente ter sido assassinado. Por baixo das manchas cor de ferrugem do sangue do ser feérico, o chão de azulejo brilhava. Volumes com capas de couro fendidas, possuindo a verdadeira granulosidade dos livros anteriores à era da impressão, encontravam-se misturados com livros brochados em mau estado e textos universitários de Matemática e Biologia em estantes alinhadas com as paredes.

Esta divisão era a mais sangrenta de todas as que tinha visto até ao momento — e considerando o primeiro homicídio, isso queria dizer alguma coisa. Mesmo seco e velho, o sangue era avassalador. Tinha formado poças, manchas e fora projetado enquanto o ser feérico lutara com o seu atacante. As prateleiras de baixo de três estantes estavam salpicadas com ele. Mesas tinham sido tombadas e no chão estava um candeeiro partido.

Talvez não me tivesse apercebido disso se não tivesse pensado neles instantes antes, mas a criatura feérica que aqui morrera era um *selkie*. Nun-

ca tinha conhecido um, pelo menos conscientemente, mas tinha ido a jardins zoológicos e sabia qual era o cheiro das focas.

Não queria entrar no compartimento. Por norma não era dada a sentir náuseas, mas recentemente tinha caminhado em cima de sangue suficiente. Nos locais onde o sangue tinha formado poças — na argamassa entre azulejos, num livro aberto e contra a base de uma das estantes onde o chão não estava nivelado — tinha apodrecido em vez de secado. O compartimento cheirava a sangue, foca e peixe apodrecido.

Evitei as zonas piores onde consegui e tentei não pensar de mais sobre as que não consegui evitar. Gradualmente, o que o meu olfato me indicou distraiu-me da natureza desagradável da minha tarefa. Atravessei a divisão movendo-me de um lado para o outro enquanto Zee me esperava mesmo à entrada.

Quando me encaminhava para a porta, detetei *algo*. A maior parte do sangue que aqui se encontrava pertencia ao ser feérico, mas no chão, mesmo em frente à porta, havia algumas gotas de sangue que não lhe pertenciam.

Se Zee fosse um agente da polícia, tinha-me transformado ali naquele momento para lhe dizer o que tinha encontrado. Mas se apontasse o dedo a um suspeito, sabia exatamente o que aconteceria à pessoa a quem o tinha apontado.

Os lobisomens lidavam com os seus criminosos da mesma maneira. Não me oponho a que se mate assassinos, mas se sou eu a fazer a acusação gosto de ter a certeza absoluta do que estou a dizer, considerando as consequências. E a pessoa que estaria a acusar era uma hipótese improvável como assassino de tantos seres feéricos.

Zee seguiu-me escadas acima, desligando as luzes e fechando as portas à medida que avançávamos. Não me dei ao trabalho de procurar mais. Havia apenas dois odores no compartimento da cave para além do do Tio Mike. Ou o *selkie* não tinha recebido ninguém na sua biblioteca ou tinha-a limpo desde a última vez em que isso acontecera. O mais incriminatório de tudo era o sangue.

Zee abriu a porta principal e saí para a noite cerrada onde a Lua prateada tinha subido completamente. Quanto tempo teria eu ficado de olhos cravados no mar impossível?

Uma sombra mexeu-se no alpendre e transformou-se no Tio Mike. Cheirava a malte e asinhas de frango fritas, e consegui ver que ainda envergava as suas roupas de taberneiro: calças de caqui largas cor de marfim e uma t-shirt verde com o seu próprio nome inscrito no peito em letras reluzentes. Não se tratava de egocentrismo; *Tio Mike* era o nome da sua taberna.

— Ela está molhada — disse com um sotaque irlandês mais carregado do que o sotaque alemão de Zee.

— Água do mar — explicou-lhe Zee. — Ela vai ficar bem.

O rosto belo do Tio Mike comprimiu-se.

— Água do mar.

— Pensava que esta noite estavas a trabalhar. — Havia um aviso na voz de Zee ao mudar de assunto. Não tinha a certeza se não queria falar do meu encontro com o ser feérico do mar ou se me estava a proteger — ou ambos.

— O GAF andava a fazer patrulha à vossa procura. A Cobweb ligou-me porque estava preocupada com a possibilidade de eles interferirem. Mandei o GAF embora com as orelhas a arder. Eles não têm qualquer autoridade para te dizer quanto tempo podes manter um visitante. No entanto, temo que tenhamos atraído a atenção deles para si, Mercy. É possível que lhe causem problemas.

As suas palavras não diziam nada de extraordinário, mas havia algo de mais sombrio na sua voz que não tinha nada que ver com a noite e tudo que ver com poder.

Olhou novamente para Zee.

— Correu bem?

Zee encolheu os ombros.

— Vamos ter de esperar até que ela se transforme. — Olhou para mim.

— Acho que é altura de pôr fim a isto. Vês demasiado, Mercy, quando isso não é seguro.

O pelo na parte de trás do meu pescoço indicou-me que algo nos estava a vigiar a partir das sombras. Aspirei o vento pelo nariz e percebi que eram mais que dois ou três. Olhei em volta e rosnei, enrugando o nariz para cima para pôr as presas a descoberto.

O Tio Mike, fitando-me, ergueu as sobrancelhas, e depois também relanceou os olhos em volta. Tocou com as pontas dos dedos no queixo e, de olhos postos em mim, disse:

— Vão todos para casa *agora*.

Pôs-se à espera e depois pronunciou algo rigidamente em gaélico. Ouvi um estrondo e alguém abalou pelo passeio num estrépito de cascos.

— Agora estamos sozinhos — disse-me. — Pode-se transformar.

Olhei-o e relanceei os olhos a Zee. Satisfeita por ter a sua atenção, pulei do alpendre e trotei na direção da carrinha.

A presença do Tio Mike aumentava os riscos. Talvez tivesse sido capaz de convencer Zee a esperar por mais alguma prova que confirmasse as minhas suspeitas — mas não conhecia o Tio Mike tão bem.

Pensei furiosamente, mas na altura em que cheguei à carrinha estava tão certa quanto podia estar sem o ter visto matar de que o sangue que

encontrara pertencia ao assassino. Desconfiava dele mesmo antes de ter encontrado o sangue. O seu odor estava por toda a parte nas restantes casas, mesmo na que tinha sido limpa — como se tivesse andado a revistar as casas à procura de alguma coisa.

Zee seguiu-me até à carrinha. Abriu a minha porta, depois fechou-a atrás de mim antes de se voltar a juntar ao Tio Mike no alpendre. Transformei-me e enfiei-me nas minhas roupas quentes. O ar da noite era quente, mas ainda sentia o frio do meu cabelo molhado contra a pele húmida. Não me dei ao trabalho de voltar a calçar as sapatilhas, saindo da carrinha completamente descalça.

No alpendre, esperaram pacientemente, fazendo-me lembrar a minha gata, que era capaz de fitar o buraco de um rato durante horas sem se mexer.

— Há alguma razão para o GAF ter enviado alguém a todas as cenas do crime? — perguntei.

— O GAF pode fazer buscas aleatórias — explicou-me Zee. — Mas não foram chamados aqui.

— Está a dizer que um elemento do GAF esteve em todas as casas? — perguntou o Tio Mike. — Quem é e como é que o conheceu?

Os olhos de Zee semicerraram-se subitamente.

— Ela só conhece um agente do GAF. O O'Donnell estava no portão quando a trouxe.

Assenti com um aceno.

— O cheiro dele estava em todas as casas e o sangue dele estava no chão da biblioteca desta. — Indiquei a casa com a cabeça. — O único cheiro na biblioteca era o dele, para além do do *selkie* e do seu, Tio Mike.

Sorriu-me.

— Não fui eu. — Ainda com aquele sorriso encantador, olhou para Zee. — Gostava de falar contigo a sós.

— Mercy, por que é que não levas a minha carrinha? Podes deixá-la na casa do teu amigo que eu vou buscá-la amanhã.

Dei um passo fora do alpendre antes de me virar.

— O que eu conheci ali dentro... — Apontei para a casa do *selkie* com a cabeça.

Zee suspirou.

— Não te trouxe aqui para pôr a tua vida em risco. A dívida que tens para connosco não é assim tão grande.

— Ela está metida nalgum sarilho? — perguntou o Tio Mike.

— Trazer uma caminhante para a reserva talvez não tenha sido tão boa ideia como pensavas — respondeu Zee secamente. — Mas acho que está tudo resolvido... a menos que continuemos a falar sobre o assunto.

O rosto do Tio Mike adquiriu aquela agradável inexpressividade que usava para esconder os seus pensamentos.

Zee olhou para mim.

— Acabou, Mercy. Desta vez contenta-te com o facto de não saberes.

Não me contentava, como é evidente. Porém, Zee não tinha qualquer intenção de me contar mais.

Dirigi-me para a carrinha e Zee aclarou a garganta muito baixinho. Olhei-o, mas limitou-se a fixar-se em mim. Tal como fizera quando me estava a ensinar a montar um carro e eu me tinha esquecido de um dos passos. Esquecido um dos passos... pois.

O meu olhar cruzou-se com o do Tio Mike.

— Isto salda a minha dívida para consigo e os seus por ter matado o segundo vampiro com os vossos artefactos.

Dirigi-me um sorriso lento e malicioso que me fez sentir feliz pelo que Zee me tinha lembrado.

— Claro.

De acordo com o meu relógio de pulso, tinha passado seis horas na reserva, partindo do pressuposto, claro está, de que não tinha passado um dia inteiro. Ou cem anos. Visões de Washington Irving à parte, se tivesse, presumivelmente, lá ficado um dia inteiro — ou mais — o Tio Mike ou Zee ter-mo-iam dito. Se calhar tinha passado mais tempo do que pensava a olhar para o oceano.

De qualquer modo, era muito tarde. Não estava nenhuma luz ligada na casa de Kyle quando cheguei, portanto decidi não bater. Havia um lugar vazio na rampa de entrada da casa, mas a carrinha de Zee era velha e preocupava-me a possibilidade de deixar manchas de óleo no cimento (razão pela qual tinha deixado o meu *Rabbit* estacionado no asfalto). Portanto encostei e estacionei-a na rua atrás do meu carro. Devia estar cansada, porque só depois de ter desligado a carrinha e saído me apercebi de que qualquer veículo pertencente a Zee jamais verteria o que quer que fosse.

Parei para dar umas palmadinhas no para-choques como forma de pedir desculpa quando alguém pôs a mão sobre o meu ombro.

Agarrei a mão e fiz uma rotação, executando uma bela chave de pulso. Usando isso como vantagem conveniente, fi-lo rodar alguns graus para fora e prendi-lhe o cotovelo com a minha outra mão. Mais alguma rotação e a articulação do seu ombro também passou a ser minha. Estava pronto para ser pulverizado.

— Que diabo, Mercy, já chega!

Ou para receber um pedido de desculpas.

Soltei Warren e inspirei fundo.

— Da próxima vez, diz alguma coisa. — Na verdade, devia ter pedido desculpa. Mas não estaria a fazê-lo de forma sentida. Apanhou-me de surpresa, foi culpa dele.

Esfregou o ombro pesarosamente e disse.

— Direi. — Fulminei-o com o olhar. Não o tinha magoado — mesmo que ele fosse humano, não lhe teria provocado qualquer dano.

Parou de fingir e exibiu um sorriso rasgado.

— OK, OK. Ouvi-te a chegar de carro e quis certificar-me de que estava tudo bem.

— E não resististe a seguir-me às escondidas.

— Não te estava a seguir às escondidas. Precisas de estar mais alerta. Que se passou?

— Desta vez não foram vampiros possuídos pelo demónio — disse-lhe. — Apenas um trabalhinho de detetive. — E uma viagem até à costa.

Uma janela foi aberta no segundo piso e Kyle pôs a cabeça e os ombros de fora de modo a conseguir olhar para nós cá em baixo.

— Se vocês os dois já acabaram de brincar aos índios e vaqueiros, há quem gostasse de dormir o seu sono de beleza.

Olhei para Warren.

— Tu ouvires ele, Kimo Sabe. Eu ir para a minha cabana dormir.

— Por que é que és sempre tu a fazer de índia? — queixou-se Warren, impassivo.

— Porque ela é a índia, cara-pálida. — disse Kyle. Levantou a janela completamente e encostou uma anca ao caixilho. Vestia pouco mais do que a maior parte dos homens do filme que tínhamos estado a ver, e ficava-lhe melhor a ele.

Warren bufou e despenteou-me o cabelo.

— Ela só é metade índia, e já conheci mais índios do que ela.

Kyle sorriu maliciosamente e, com a sua melhor imitação de Mae West, disse:

— Quantos índios é que conheceste, rapazola?

— Podem parar por aí. — Fiz o gesto de tapar os ouvidos. — Lalalala. Esperem até eu entrar no meu fiel *Rabbit* e arrancar em direção ao nascer do Sol. — Pus-me em bicos de pés e beijei Warren algures na região do queixo.

— É bastante tarde — disse Warren. — Alguém quer ir ter connosco ao Tumbleweed amanhã?

O Tumbleweed era o festival anual de música tradicional que tinha lugar no fim de semana do Dia do Trabalhador. Tri-Cidades era suficientemente próxima da costa para a nata da cena musical de Seattle e Portland

normalmente aparecer em força: cantores de *blues*, *jazz*, música celta, e todos os restantes géneros. Entretenimento barato e de qualidade.

— Não podia deixar de ir. O Samuel ainda não conseguiu livrar-se da atuação e tenho de lá estar para o gramar.

— Às dez da manhã junto ao River Stage, então — disse Warren.

— Lá estarei.



O Tumbleweed tinha lugar no Howard Amon Park, mesmo em frente ao Rio Columbia em Richland. Os palcos estavam espalhados o mais distanciados possível uns dos outros para minimizar interferências entre atuações. No River Stage, onde Samuel devia atuar, era completamente impossível estacionar. Numa situação normal, isso não me teria incomodado, mas o treino de karatê naquela manhã não tinha corrido lá muito bem. Coxeei lentamente através da relva enquanto resmungava comigo mesma.

O parque ainda estava praticamente vazio, à exceção de músicos que, transportando diversos estojos de instrumentos, caminhavam com dificuldade através dos vastos campos verdes em direção aos palcos onde iam atuar. OK, o parque na verdade não é assim tão grande, mas quando se sente dor numa perna — ou quando se arrasta um contrabaixo de uma extremidade à outra — é suficientemente grande.

O contrabaixista em questão e eu trocámos acenos fatigados de miséria mútua quando nos cruzámos.

Warren e Kyle já se encontravam sentados na relva em frente ao palco e Samuel colocava os seus instrumentos em diferentes suportes quando finalmente cheguei.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou Kyle com a testa franzida enquanto me sentava ao seu lado. — Ontem à noite não estavas a coxear.

Saracoteei-me sobre o relvado cheio de grumos e acabado de regar até me sentir confortável.

— Nada importante. Levei uma pancada valente na coxa hoje de manhã na aula de karatê. Daqui a nada passa. Estou a ver que os homens dos botões já deram convosco.

O Tumbleweed normalmente era de graça, mas podia-se manifestar apoio ao comprar um botão por dois dólares... e os homens dos botões eram implacáveis.

— Também comprámos um para ti. — Warren estendeu a mão sobre Kyle e entregou-me um botão.

Enfiei-o no sapato, onde não seria imediatamente óbvio.

— Aposto que consigo atrair quatro homens dos botões até à hora de almoço — disse a Kyle.

Riu-se.

— Tenho ar de novato? Quatro até à hora de almoço é fácil de mais.

Juntaram-se mais pessoas do que eu estava à espera em frente ao palco de Samuel, considerando que a atuação dele era uma das primeiras.

Reconheci algum do pessoal do serviço de urgências com quem Samuel trabalhava perto do centro do público, com um grupo maior. Colocavam cadeiras de jardim e tagarelavam de uma maneira que me fez ter a certeza que todos trabalhavam no hospital de Samuel.

Depois havia os lobisomens.

Contrariamente ao pessoal médico, não estavam juntos, mas espalhados aqui e acolá pelas margens. Todos os lobisomens de Tri-Cidades, com exceção de Adam, o Alfa, continuavam a fingir ser humanos — portanto, sempre que podiam, evitavam andar juntos em público. Todos eles teriam ouvido Samuel cantar antes, mas provavelmente não numa verdadeira atuação porque não era coisa que fizesse com frequência.

Uma brisa fria soprou do Rio Columbia, à curta distância de um estreito caminho pedonal — razão pela qual o palco se chamava River Stage<sup>2</sup>. Era uma manhã quente, como o são normalmente as manhãs do início do outono em Tri-Cidades, pelo que a intensidade ligeira do vento era mais bem-vinda do que o contrário.

Um dos voluntários do festival, vestindo um avental de pintor coberto com botões do Tumbleweed deste e de anos anteriores, deu-nos as boas-vindas ao festival deste ano e agradeceu-nos a todos por termos aparecido. Passou alguns minutos a falar de patrocinadores e rifas enquanto a plateia se mexia agitadoamente antes de apresentar Samuel como o médico cantor de música tradicional de Tri-Cidades.

Batemos palmas e assobiámos enquanto o apresentador descia as escadas energicamente e regressava para junto da mesa de mistura, onde podia assegurar o bom funcionamento das colunas. Houve alguém que se instalou atrás de mim, mas não olhei em volta porque Samuel se enca-

<sup>2</sup> Literalmente, «Palco do Rio». (N. do T.)

minhou para o centro do palco com o seu violino a baloiçar na mão de forma quase displicente.

Vestia uma camisa azul-cobalto que lhe realçava os olhos, fazendo com que o azul se destacasse do cinzento. Tinha a camisa enfiada numas calças de ganga preta novas que eram justas ao ponto de exibirem os músculos das suas pernas.

Tinha-o visto ainda esta manhã quando bebera o seu café e saíra porta fora a correr. Não havia nenhuma razão para ainda me afetar desta maneira.

A maior parte dos lobisomens é atraente; tem a ver com o visual permanentemente jovem-e-musculado. No entanto, Samuel tinha algo mais. E não era apenas aquele vigor extra que os lobos dominantes possuem.

Samuel aparentava ser uma pessoa na qual se podia confiar — havia um toque de espirotuosidade que se escondia por trás dos olhos encovados e no canto da boca. Isso contribuía em parte para que fosse tão bom médico. Quando dizia aos seus pacientes que iam ficar bem, eles acreditavam.

Os seus olhos cravaram-se nos meus por instantes e a boca dele desenhou-se num sorriso.

Aquele sorriso fez com que um calor me percorresse dos pés à cabeça: fez-me recordar uma altura em que Samuel era o meu mundo, uma altura em que acreditava num cavaleiro de armadura brilhante capaz de me fazer sentir feliz e segura.

Samuel apercebeu-se porque o seu sorriso se expandiu — até olhar para trás de mim. O prazer nos seus olhos acalmou, mas manteve-se de sorriso rasgado, exibindo-o ao resto do público. Foi aí que tive a certeza que o homem que se tinha sentado atrás de mim era Adam.

Não que tivesse grandes dúvidas. O vento vinha da direção errada para me permitir detetar convenientemente o seu odor, mas os lobos dominantes transpiram poder, e mais dominante do que Adam — independentemente de ser o Alfa — é difícil de encontrar. Era como ter a bateria de um carro pousada atrás de mim e me ligarem a ela através de um par de cabos.

Mantive o olhar em frente, sabendo que desde que a minha atenção estivesse centrada nele, Samuel não ficaria muito chateado. Desejei que Adam tivesse escolhido sentar-se noutra lugar. Mas se ele fosse esse tipo de pessoa, não seria um Alfa — o lobo mais dominante do seu bando. Quase tão dominante como Samuel.

A razão pela qual Samuel não era o Alfa do bando era complicada. Antes de mais, Adam era Alfa aqui desde a altura em que existia um bando em Tri-Cidades (que foi antes do meu tempo). Mesmo que um lobo seja mais dominante, não é fácil destituir um Alfa — e na América do Norte isso nunca acontece sem o consentimento do Marrok, o lobo que governa aqui.

Uma vez que o Marrok era o pai de Samuel, presumivelmente poderia ter obtido permissão — mas acontece que Samuel não tinha qualquer desejo de ser Alfa. Dizia que ser médico lhe dava pessoas mais do que suficientes para cuidar. Portanto era oficialmente um lobo solitário, um lobo fora da proteção do bando. Vivia na minha caravana, a menos de noventa metros da casa de Adam. Não sei por que motivo optou por viver ali, mas sei por que motivo o deixei: porque de outro modo ainda estaria a dormir no meu alpendre.

Samuel tinha a capacidade de garantir que as pessoas fizessem o que ele queria que elas fizessem.

Testando o temperamento do violino, o arco de Samuel dançou sobre as cordas com uma precisão delicada adquirida através de anos... provavelmente séculos de prática. Conhecia-o desde sempre, mas só há menos de um ano é que eu tinha descoberto acerca desses «séculos».

Ele simplesmente não agia como um lobisomem velho. Os lobisomens velhos eram tensos, facilmente irritáveis, e especialmente nestes últimos cem anos de transformações rápidas (contaram-me) era mais provável que se transformassem em eremitas do que médicos em serviços de urgência agitados com toda aquela tecnologia recente. Ele era um dos poucos lobisomens, entre os que conheci, que realmente gostava de pessoas, pessoas humanas ou pessoas lobisomens. Até gostava delas em multidões.

Não que ele não se tivesse poupado a esforços para atuar num festival de música tradicional. Para isso foi necessária alguma chantagem criativa.

Não fui eu. Não desta vez.

A pressão de trabalhar num serviço de urgências — especialmente considerando que era um lobisomem e a sua reação ao sangue e à morte podia ser um pouco imprevisível — significava que ele levava a sua guitarra ou violino para o trabalho e tocava quando tinha oportunidade para isso.

Uma das suas enfermeiras ouviu-o tocar e fê-lo inscrever-se no festival antes que ele pudesse arranjar uma maneira de se safar. Não que se tivesse esforçado muito por isso. Oh, ele fez muito barulho, mas conheço Samuel. Se ele não quisesse realmente fazê-lo, nem um bulldozer o tinha posto ali em cima.

Afinou o violino com uma mão enquanto o segurava debaixo do queixo e dedilhava com a outra. Alguns compassos de uma música e a multidão inclinou-se para a frente na expectativa, mas eu sabia o que estava a acontecer. Ele ainda estava a aquecer. Quando começasse verdadeiramente a tocar, todos perceberiam: ele ficava cheio de energia diante de um público.

Às vezes, ver Samuel a atuar parecia mais um espetáculo de *stand-up comedy* do que um concerto. Tudo dependia de como se estava a sentir no momento.

Aconteceu por fim, o momento mágico em que Samuel absorveu o seu auditório. O velho violino emitiu um som arrepiante, como o pio de um mocho velho na noite, e percebi que hoje tinha decidido ser um músico. Todos os sussurros cessaram e todos os olhos se ergueram para o homem no palco. Séculos de prática e o facto de ser lobisomem dão-lhe velocidade e destreza, mas a música vinha da sua alma de galês. Dirigiu um sorriso tímido à assistência e o som melancólico transformou-se em canção.

Quando tinha frequentado o curso de História, perdera quaisquer noções românticas em relação ao príncipe Carlos Eduardo Stuart, cuja tentativa de readquirir o trono de Inglaterra forçara a Escócia a ajoelhar-se. De qualquer das maneiras, a versão que Samuel executou de «Over the Sea to Skye»<sup>3</sup> trouxe-me as lágrimas aos olhos. Essa música tinha letra, e Samuel sabia cantá-la, mas por agora deixou que o violino falasse por si.

Enquanto tocava as últimas notas suavemente, começou a cantar por cima «Barbara Allen», tão universalmente conhecida entre os cantores de música popular como o «Stairway to Heaven»<sup>4</sup> entre os guitarristas. Após os primeiros compassos, cantou o resto da primeira estrofe *a capella*. Quando chegou ao refrão, introduziu o violino num arrepiante contraponto. Quando estava na segunda estrofe, convidada pelo seu sorriso, a plateia também cantou o refrão. As pessoas cantavam um pouco a medo até um dos outros grupos profissionais que percorria o caminho de asfalto parar e se pôr também a cantar.

Samuel acenou-lhes com a cabeça na última estrofe e parou de cantar, deixando o outro grupo exibir a harmonia fechada que era a sua imagem de marca. Quando a canção chegou ao fim, aclamámos e aplaudimos enquanto Samuel agradecia aos seus «intérpretes convidados». A plateia tinha-se vindo a compor enquanto ele tocava e fomo-nos todos aproximando um pouco mais uns dos outros.

Pousou o violino e pegou na guitarra para tocar um tema de Simon e Garfunkel. Nem mesmo a estúpida da mota de água que não parava de roncar ao longo do rio a uns noventa metros dali influenciava a qualidade do seu desempenho. Lançou-se a uma tonta canção de piratas e depois pousou a guitarra e pegou num bodhrán — um tambor grande e achatado tocado com uma baqueta de dupla ponta — e deu início a uma canção de bordo.

Reparei nos Chaters, o casal de idosos que vivia ao meu lado, sentados em duas cadeiras de campismo no outro lado da multidão.

---

<sup>3</sup> Música tradicional escocesa acerca da fuga do príncipe Carlos Eduardo Stuart, após a sua derrota na Batalha de Culloden, em 1746. (N. do T.)

<sup>4</sup> Tema dos Led Zeppelin. (N. do T.)

— Espero que não chova. Nós não íamos querer deixar de ver o Samuel tocar — tinha-me dito ela ontem de manhã quando dera com ela a cuidar das plantas. — É um homem tão *bom*.

Claro que ela não tinha de viver com ele, pensei com o queixo encostado ao joelho enquanto o via tocar. Não que Samuel não fosse um «bom homem», mas também era teimoso, controlador e implicativo. No entanto eu era teimosa e mais mazinha do que ele.

Alguém sussurrou um educado «com licença» e sentou-se na pequena porção de relva à minha frente. Achei que estava perto de mais para alguém que não conhecia, por isso afastei-me alguns centímetros, até as minhas costas se encostarem firmemente contra a perna de Adam.

— Ainda bem que o convenceste a tocar — murmurou o lobisomem Alfa. — Ele está mesmo como peixe na água à frente de uma multidão, não está?

— Não o convenci a fazê-lo — disse. — Foi uma das enfermeiras com quem ele trabalha.

— Em tempos ouvi o Marrok e os dois filhos dele, o Samuel e o Charles, cantarem juntos — sussurrou Warren, tão baixinho que duvido que mais alguém o tenha ouvido. — Foi... — Desviou a atenção do palco e o seu olhar cruzou-se com o de Adam por cima da cabeça de Kyle, altura em que encolheu os ombros para revelar a sua incapacidade de encontrar as palavras.

— Eu ouvi-os — disse Adam. — Não é algo que se esqueça.

Samuel pegara na sua velha harpa de Gales enquanto estávamos a falar. Tocou algumas notas para dar ao técnico tempo para andar a correr de um lado para o outro e ajustar o sistema de som aos tons mais suaves do novo instrumento. Percorreu a multidão com os olhos e deteve-se em mim. Se me pudesse ter afastado de Adam sem me sentar em cima de um estranho, tê-lo-ia feito. Adam também viu o olhar de Samuel e colocou uma mão possessiva sobre o meu ombro.

— Para com isso — disparei.

Kyle viu o que se estava a passar e pôs o braço à volta nos meus ombros num abraço, afastando a mão de Adam no processo. Adam rosnou suavemente, mas recuou alguns centímetros. Ele gostava de Kyle — e, melhor ainda, uma vez que Kyle era homossexual e humano, não o encarava como qualquer tipo de ameaça.

Samuel respirou fundo e sorriu, um pouco constrangidamente, ao apresentar a sua última peça. Relaxei contra Kyle enquanto harpa e harpista faziam com que uma velha música galesa ganhasse vida. O galês era a primeira língua de Samuel — quando estava chateado, conseguia-se ouvi-lo na sua voz. Era uma língua feita para a música: suave, melodiosa e mágica.

Levantou-se algum vento, fazendo com que as folhas verdes sussurrassem um acompanhamento para a música de Samuel. Quando terminou, o som das folhas foi o único ruído que se escutou durante algum tempo. Depois o imbecil da mota de água apareceu, quebrando o feitiço. A multidão pôs-se de pé e desatou a aplaudir atroadoramente.

O meu telemóvel tinha estado a vibrar intermitentemente no bolso durante grande parte da música, por isso escapuli-me enquanto Samuel guardava os instrumentos e esvaziava o palco para o artista seguinte.

Quando encontrei um lugar relativamente calmo, saquei do telefone para constatar que tinha cinco chamadas perdidas — todas elas de um número que eu desconhecia. Ainda assim, marquei-o. Qualquer pessoa que telefonasse cinco vezes em outros tantos minutos estaria numa grande agitação.

A chamada foi atendida ao primeiro toque.

— Mercy, temos problema.

— Tio Mike? — Era a voz dele, e eu não conhecia mais ninguém que falasse com um sotaque irlandês tão cerrado. Mas nunca o tinha ouvido falar assim.

— A polícia humana tem o Zee — disse.

— *O quê?* — Mas eu sabia. Eu sabia o que iria acontecer a alguém que estivesse a matar seres feéricos. As velhas criaturas regressam a leis mais antigas quando a situação fica apertada. Quando lhes disse quem era o assassino sabia que estava a assinar a sentença de morte de O'Donnell — mas estava bastante segura de que o fariam de uma forma que não permitisse que a culpa recaísse sobre ninguém. Algo que parecesse acidental ou um suicídio.

Não esperava que fossem trapalhões ao ponto de atrair a atenção da polícia.

O meu telefone zumbiu, indicando que me estavam a fazer uma outra chamada, mas ignorei-a. Zee tinha assassinado um homem e fora apanhado.

— Como é que isso aconteceu?

— Ficámos surpreendidos — explicou o Tio Mike. — Ele e eu fomos falar com o O'Donnell.

— Falar? — A descrença estava bem patente na minha voz. Não tinham ido a casa dele para falar.

Riu curtamente.

— Teríamos falado primeiro, independentemente do que possa pensar de nós. Fomos de carro até à casa do O'Donnell depois de você se ter ido embora. Tocámos à campainha, mas ninguém veio à porta, embora estivesse uma luz acesa. Depois de tocarmos uma terceira vez, o Zee abriu

a porta e entrámos. Encontrámos o O'Donnell na sala de estar. Alguém se tinha antecipado a nós, arrancado a sua cabeça do corpo, um ferimento tal como não via desde que os gigantes vagueavam pela Terra, Mercedes.

— Vocês não o mataram. — Podia respirar novamente. Se Zee não tinha matado O'Donnell, ainda tinha hipóteses.

— Não. E enquanto estávamos ali mudos e quietos, a policia apareceu com as suas luzes e gritos à *banshee*<sup>5</sup>. — Fez uma pausa e ouvi um barulho. Reconheci o som que praticava no karaté. Ele tinha golpeado qualquer coisa de madeira e tinha-a partido.

— Ele disse-me para me esconder. Entre os talentos dele não se conta a capacidade de se esconder da polícia. Portanto vi-os a pô-lo no carro e a partirem.

Fez-se uma pausa.

— Eu podia tê-los impedido — disse numa voz gutural. — Podia tê-los impedido a todos, mas deixei que os humanos levassem Siebold Adelbertskrieger (a versão alemã do nome, Adelbertsmiter, que Zee usava), o Ferreiro Negro, para a *prisão*. — A sensação de ultraje não mascarava completamente o medo na sua voz.

— Não, não — repliquei. — Matar agentes da polícia é sempre um mau plano.

Não creio que me tenha ouvido; simplesmente continuou a falar.

— Fiz o que ele disse e agora, seja qual for o ângulo a partir do qual olhe para a situação, acho que a minha ajuda só vai piorar a situação em que se encontra. Esta não é uma boa altura para se ser uma criatura feérica, Mercy. Se nos reuníssemos para defender o Zee, a coisa poderia transformar-se num banho de sangue.

Ele tinha razão. Uma sucessão de mortes e episódios de violência menos de um mês antes tinha deixado Tri-Cidades com uma ferida aberta. A escalada de crimes tinha parado com o fim de uma vaga de calor que nos atormentara a todos ao mesmo tempo. O tempo mais fresco era uma bela razão para a cessação do pesado ambiente de raiva que pairara no ar. O afastamento do demónio que estava a causar a violência através da aniquilação do seu vampiro hóspede era uma razão ainda melhor, embora não pudesse ser revelada ao público. Estes apenas tinham conhecimento de alguns lobisomens e do lado mais simpático dos seres feéricos. Toda a gente estaria mais segura se a população geral não tomasse conhecimento de coisas como vampiros e demónios — especialmente a população geral.

No entanto, havia uma forte minoria que murmurava que tinha havido violência a mais para ser explicada por uma vaga de calor. Afinal de

---

<sup>5</sup> Fada cujos lamentos pressagiavam, para uma casa, a morte de alguém. (N. do T.)



contas, o calor vinha todos os verões, e nunca tínhamos testemunhado uma sucessão de homicídios e ataques como aquela. Algumas dessas pessoas olhavam com muita atenção a possível culpabilização dos seres feéricos. Na semana passada tinha estado um grupo de manifestantes à porta do Tribunal de Richland.

O facto de os lobisomens terem, ainda este ano, admitido a sua existência não estava a ajudar muito. Toda essa questão tinha corrido da melhor maneira possível, mas nada era perfeito. Toda a história desagradável dos anti-feéricos, que tinha acalmado depois de as criaturas feéricas se terem retirado voluntariamente para as reservas, vinha ganhando novamente força através de todo o país. Os grupos de ódio estavam desejosos de alargar o seu alvo para incluir lobisomens e quaisquer outras criaturas «ímpias», humanas ou não.

Em Oklahoma, tinham queimado uma bruxa no mês passado. O irónico é que a mulher que ardeu não tinha, afinal, sido bruxa, curandeira ou mesmo Wicca — que são três coisas diferentes, embora uma mesma pessoa possa ser todas elas.

Tinha sido uma boa rapariga católica que gostava de tatuagens, piercings e de vestir roupas pretas.

Em Tri-Cidades, um lugar que não é particularmente conhecido pelo ativismo ou pelos grupos de ódio, os grupos anti-feéricos e anti-lobisomens locais vinham-se tornando visivelmente mais fortes.

Isso não significava paredes pintadas com spray ou janelas partidas e motins. Afinal de contas, estamos a falar de Tri-Cidades, não de Eugene ou Seattle. No Festival de Artes da semana passada, eles tinham uma tenda de informações e vira pelo menos dois folhetos diferentes que tinham distribuído via correio no passado mês. Os grupos de ódio de Tri-Cidades são civilizados a este ponto — até agora.

O'Donnell poderia alterar isso. Se a sua morte tivesse sido tão dramática quanto o Tio Mike narrara, o assassinato de O'Donnell preencheria todos os jornais do país. Tentei reprimir o meu pânico.

Não estava preocupada com a lei — estava bastante segura de que Zee era capaz de sair de qualquer cela de prisão na altura em que assim o desejasse. Através do *glamour* podia mudar a sua aparência ao ponto de nem eu o conhecer. Mas não seria suficiente para salvá-lo. Não tinha a certeza se a inocência seria suficiente para o salvar.

— Vocês têm um advogado? — O nosso bando de lobisomens locais não tinha um oficialmente, embora pense que Adam tem um advogado que mantém na folha de pagamentos para o seu negócio na área da segurança. Mas não havia, nem pouco mais ou menos, tantos lobisomens como seres feéricos.

— Não. Os Senhores Cinzentos têm várias firmas na Costa Leste, mas foram consideradas desnecessárias para a nossa reserva. Nós somos discretos. — Hesitou. — Os seres feéricos que são suspeitos de crimes tendem a não sobreviver para precisarem de advogados.

— Eu sei — repliquei, engolindo em redor do nó na garganta.

Os Senhores Cinzentos, à semelhança do Marrok dos lobisomens, eram impelidos a preservar as suas espécies. Bran, o Marrok, era escrupulosamente justo, embora brutal. Os métodos dos Senhores Cinzentos tinham uma forte tendência para serem mais convenientes do que justos. Com o preconceito tão ruidoso e forte, eles queriam abafar isto o mais depressa possível.

— Que perigo é que o Zee corre de facto? — perguntei.

O Tio Mike suspirou.

— Não sei. Este crime está prestes a tornar-se do conhecimento de um público vasto. Não vejo como é que a sua morte iria beneficiar os seres feéricos mais do que a sua sobrevivência neste momento, especialmente considerando que ele é inocente. Peguei no telefone e disse-Lhes que esta morte não era da responsabilidade dele. — O *Lhes* referia-se aos Senhores Cinzentos. — Se conseguirmos provar a inocência dele... Não sei, Mercy. Depende de quem de facto matou o O'Donnell. Não foi um humano. Talvez um trol pudesse ter feito isto... ou um lobisomem. Podia ter sido um vampiro, mas o O'Donnell não foi morto por alimento. Alguém estava mesmo muito zangado com ele. Se se tratar de um ser feérico, os Senhores Cinzentos não vão querer saber quem foi, apenas vão querer que o caso seja resolvido de forma rápida e definitiva.

Rapidamente, antes que um julgamento pudesse chamar mais atenção para o crime. Rapidamente, como um suicídio com um bilhete a admitir a culpa.

O meu telefone começou a produzir bips educadamente, indicando-me que estava a receber uma segunda chamada.

— Presumo que ache que eu possa ajudar? — perguntei. De outro modo, nunca me teria ligado.

— Não podemos ir ao seu auxílio. Ele precisa de um bom advogado, e de alguém que descubra quem matou o O'Donnell. Alguém precisa de falar com a polícia e dizer que o Zee não matou este sacana. Alguém em quem ela acredite. Você tem um amigo na polícia de Kennewick.

— O O'Donnell morreu em Kennewick?

— Sim.

— Eu arranjo um advogado — disse ao Tio Mike. Kyle era um advogado especializado em divórcios, mas certamente conheceria um bom advogado de defesa criminal. — Talvez a polícia exclua os detalhes mais

sórdidos dos seus comunicados de imprensa. Não lhes vai interessar lá muito terem a imprensa mundial em cima deles. Mesmo que apenas digam às pessoas que ele foi decapitado, não soa assim tão mal, pois não? Talvez consigamos ganhar algum tempo em relação aos Senhores Cinzentos se o assunto não aparecer nos principais jornais. Vou falar com o agente da polícia que conheço, mas ele é capaz de não me dar ouvidos.

— Se precisar de dinheiro — disse —, avise-me. O Zee não tem muito, creio, embora com ele nunca se saiba. Eu tenho, e consigo arranjar mais se precisarmos. Mas terá de ser você a gastá-lo. Nós, seres feéricos, não nos podemos envolver nisto mais do que já estamos. Portanto contrate um advogado e nós pagamos-lhe o que for necessário.

— Está bem — respondi.

Desliguei com um nó no estômago. O meu telefone indicava que tinha duas chamadas perdidas. Ambas eram do telemóvel do meu amigo Tony, o polícia. Sentei-me na saliência da raiz de uma árvore e liguei-lhe de volta.

— Daqui fala o Montenegro — disse.

— Eu sei o que aconteceu ao Zee — expliquei-lhe. — Ele não matou ninguém.

Fez-me uma breve pausa.

— Mas achas que ele não seria capaz de fazer algo assim ou sabes alguma coisa especificamente acerca do crime?

— O Zee é perfeitamente capaz de matar — disse-lhe. — No entanto, sei de fonte segura que ele não matou esta pessoa. — Não lhe disse que se Zee tivesse encontrado O'Donnell vivo, muito provavelmente *tê-lo-ia* matado. Tinha para mim que essa informação não seria muito vantajosa.

— Qual é a tua fonte segura? E, já agora, mencionou quem matou a nossa vítima?

Apertei o topo do nariz.

— Não te posso dizer. E eles não sabem. Sabem apenas que o assassino não foi o Zee. Ele encontrou o O'Donnell morto.

— Consegues dar-me algo mais substancial? Ele foi encontrado de joelhos ao lado do corpo com sangue nas mãos, e o sangue ainda estava quente. O Sr. Adelbertsmiter é um ser feérico, registado no GAF há sete anos. Isto não foi feito por nada humano, Mercy. Não posso falar dos detalhes, mas isto não foi feito por nada humano.

Aclarei a garganta.

— Por acaso não podes manter essa última informação fora do relatório oficial, pois não? Até que vocês apanhassem o verdadeiro assassino, seria muito boa ideia não haver pessoas agitadas contra os seres feéricos.

Tony era uma pessoa subtil, e compreendeu aquilo que eu não estava a dizer.

— Como quando disseste que seria muito bom que a polícia não fosse à procura dos seres feéricos como causa do aumento dos crimes violentos este verão?

— Exatamente. — Bem, não propriamente, e a honestidade impediu-me a corrigir-me. — No entanto, desta vez a polícia não vai estar em perigo. Mas o Zee vai, e o verdadeiro assassino andará à solta para matar noutros sítios.

— Preciso de mais do que a tua palavra — disse finalmente. — A nossa consultora especialista está convencida de que o Zee é o nosso culpado, e a palavra dela tem muito peso.

— A vossa consultora especialista? — inquiri. Ao que sabia, *eu* era a coisa que mais se aproximava de uma consultora especialista em seres feéricos que as forças policiais de Tri-Cidades tinham.

— A Dra. Stacy Altman, uma especialista em folclore da Universidade do Oregon, chegou hoje de avião. Ela recebe muito dinheiro, o que significa que os meus patrões entendem que devemos ouvir os conselhos dela.

— Talvez eu devesse cobrar mais quando vos sirvo de consultora — disse-lhe.

— Da próxima vez duplico os honorários — prometeu.

O que recebi pelos meus conselhos foi absolutamente nada, o que não era problema para mim. Era provável que estivesse em sarilhos suficientes sem que a comunidade sobrenatural local pensasse que estava a ser informadora da polícia.

— Ouve — disse-lhe. — Isto é não oficial. — Zee não me tinha dito para não dizer nada acerca das mortes na reserva porque não lhe ocorreu que tivesse de fazê-lo. Era algo que eu já sabia.

Todavia, se falasse depressa, talvez conseguisse deitar tudo cá para fora antes de pensar quão descontentes eles poderiam ficar comigo por contar à polícia.

— Aconteceram algumas mortes no seio dos seres feéricos, e indícios sustentáveis de que O'Donnell foi o assassino. Essa foi a razão pela qual o Zee foi à casa do O'Donnell. Se alguém descobriu isso antes do Zee, poderá ter matado o O'Donnell.

Se isso fosse verdade, poderia salvar Zee (pelo menos do sistema jurídico local), mas as consequências políticas podiam ser horríficas. Era apenas uma criança quando os seres feéricos se tinham dado a conhecer pela primeira vez, mas lembro-me de o KKK queimar uma casa com os seus ocupantes feéricos ainda no interior e dos motins nas ruas de Houston e Baltimore que serviram de ímpeto para confinar os seres feéricos em reservas.

Mas era Zee que importava. As restantes criaturas feéricas podiam apodrecer desde que Zee ficasse a salvo.

— Não ouvi nada sobre pessoas a morrer em Fairyland.

— Por que é que haverias de ouvir? — perguntei. — Eles não deixam entrar pessoas estranhas.

— Nesse caso como é que sabes disso?

Tinha-lhe dito que não era uma criatura feérica nem uma mulher-loba — mas algumas coisas merecem a pena ser repetidas até que eventualmente nelas se acredite. Essa era a teoria com base na qual estava a agir.

— Já te disse que não sou uma criatura feérica — expressei. — Não sou. Mas sei algumas coisas e eles acharam que eu talvez pudesse ajudar. — Aquilo soou muito pouco convincente.

— Isso é pouco convincente, Mercy.

— Um dia — disse-lhe — conto-te tudo. Neste momento, não posso. Também não acho que deva estar a falar-te disto, mas é importante. Acredito que o O'Donnell matou — tive de recapitular mentalmente — sete seres feéricos no mês passado. — Zee não me tinha levado aos outros locais dos crimes. — Não estás a olhar para um agente da autoridade que foi morto pelos maus da fita. Estás a olhar para um mau da fita que foi morto por... — Quem? Bons da fita? Mais maus da fita? — alguém.

— Alguém forte ao ponto de arrancar a cabeça de um homem, Mercy. As duas clavículas dele foram partidas pela força do que quer que o tenha matado. A nossa consultora bem remunerada parece acreditar que o Zee seria capaz de fazê-lo.

Oh? Franzi o sobrolho ao meu telemóvel.

— Que tipo de ser feérico diz ela que o Zee é? O que é que ela sabe sobre eles? — Calculei que se Zee não me tinha contado nenhuma das histórias do seu passado, e eu as tinha procurado, esta consultora não tinha como saber mais do que eu.

— Ela disse que ele é um *gremlin*, como o próprio também disse. Pelo menos nos seus papéis de registo. Não disse uma única palavra desde que o fomos buscar.

Tive de pensar durante um minuto na maneira de melhor ajudar Zee. Finalmente decidi que, considerando que ele era de facto inocente, quanto mais verdades fossem desvendadas, mais ele beneficiaria.

— A tua consultora não vale um chavo — disse a Tony. — Ou não sabe tanto quanto diz saber, ou tem algum motivo escondido.

— Por que é que dizes isso?

— Os *gremlins* não existem — expliquei-lhe. — É um termo inventado por pilotos britânicos na Grande Guerra como explicação para coisas

estranhas que impediam os aviões deles de funcionar. O Zee é um *gremlin* apenas na medida em que afirma que o é.

— Então o que é que ele é?

— Um *Mettalzauber*, um dos seres feéricos que trabalham na metalurgia. Que é uma categoria muito ampla que contém muito poucos membros. Desde que o conheci, fiz imensa pesquisa sobre criaturas feéricas alemãs apenas por pura curiosidade, mas nunca encontrei nada que se parecesse com ele. Sei que trabalha o metal porque o vi fazê-lo. Não sei se teria tido a força para arrancar a cabeça de alguém, mas sei que é impossível a vossa consultora saber isso. Especialmente se ela o chama de *gremlin* e age como se isso fosse uma designação real.

— Primeira Guerra Mundial? — perguntou Tony, meditativo.

— Podes pesquisar na Internet — asseverei. — Por altura da Segunda Guerra Mundial, a Disney estava a usá-los em desenhos animados.

— Talvez tenha sido nessa altura que ele nasceu. Talvez as lendas venham dele. Consigo imaginar um ser feérico alemão a fazer modificações nos aviões inimigos.

— O Zee é muito mais velho do que a Primeira Guerra Mundial.

— Como é que sabes?

Era uma boa pergunta, e não tinha uma resposta apropriada para ela. Na verdade nunca me tinha dito a sua idade.

— Quando está zangado — disse lentamente —, pragueja em Alemão. Não em Alemão moderno, que eu compreendo razoavelmente. Tive um professor de Inglês que nos leu o *Beowulf* na língua original. É assim que o Zee soa.

— Pensava que o *Beowulf* tinha sido escrito numa versão antiga do Inglês, não do Alemão.

Aqui estava em terreno firme. As licenciaturas em História não são totalmente inúteis.

— O Inglês e o Alemão têm origens comuns. As diferenças entre o Inglês e o Alemão medieval são muito mais pequenas do que nas línguas modernas.

Tony produziu um ruído de insatisfação.

— Que diabo, Mercy. Tenho em mãos um homicídio brutal e o chefe quer a sua resolução para ontem. Especialmente porque temos um suspeito apanhado em flagrante. Agora estás a dizer-me que ele não o cometeu e que a nossa consultora especialista bem paga nos está a mentir ou não sabe tanto quanto diz saber. Que o O'Donnell era um assassino — embora os seres feéricos provavelmente neguem a ocorrência de qualquer assassinato — mas que se eu sequer fizer alguma pergunta sobre isso, os agentes federais vão andar em cima de nós porque agora este crime envolve Fairyland. Tudo isto sem uma única prova sólida.

— Sim.

Praguejou de modo chocante.

— A chatice é que acredito em ti, mas raios me partam se consigo imaginar uma maneira de contar qualquer uma destas coisas ao meu chefe, especialmente não sendo eu quem está à frente deste caso.

Fez-se um longo silêncio em ambas as partes.

— Precisas de lhe arranjar um advogado — disse-me. — Ele não está a falar, o que é sensato da parte dele. Mas precisa de ter um advogado. Mesmo que tenhas a certeza de que ele está inocente, especialmente se ele estiver inocente, precisa de um advogado muito bom.

— Está bem — concordei. — Por acaso não existe a possibilidade de eu dar uma olhadela — uma snifadela, na verdade — ao local do crime? — Talvez conseguisse descobrir algo que a ciência moderna não tinha conseguido — como alguém que tivesse estado num dos outros locais do crime.

Suspirou.

— Arranja um advogado e pergunta-lhe. Não me parece que te vá poder ajudar com isso. Mesmo que ele faça com que lá entres, vais ter de esperar até que a nossa equipa que está no local do crime termine o trabalho. No entanto, fazias melhor se contratasses um detetive privado, alguém que saiba analisar o cenário de um crime.

— Está bem — respondi. — Eu arranjo um advogado. — Contratar um detetive humano seria ou um desperdício de dinheiro ou uma sentença de morte para o detetive caso descobrisse um ou outro segredo que os Senhores Cinzentos não queriam tornar públicos. Tony não precisava de saber isso.

— Tony, certifica-te de que vês para lá do que parece evidente na procura de um assassino. Não foi o Zee.

Suspirou.

— Está bem. Está bem. Não fui destacado para este caso, mas vou falar com alguns dos gajos que foram.

Despedimo-nos e olhei em volta à procura de Kyle.

Vi-o postado no meio de uma pequena multidão a uma distância curta, suficientemente longe do palco para que a conversa deles não interferisse na música do artista seguinte. Samuel e os estojos dos seus instrumentos estavam no centro do grupo.

Pus o telemóvel no bolso de trás (um método que até ao momento destruiu dois telefones) e tentei pôr na face uma expressão neutra. De nada serviria em relação aos lobisomens, que conseguiriam cheirar a minha inquietação, mas pelo menos evitaria que pessoas completamente desconhecidas parassem e me perguntassem o que se passava.

Um homem jovem com ar circunspecto que vestia uma t-shirt tingida

falava com Samuel, que o observava com um entusiasmo aparente apenas para as pessoas que o conhecessem muito bem.

— Nunca tinha ouvido aquela versão da última canção que tocou — dizia o rapaz. — Não é a melodia que normalmente se usa. Queria saber onde a ouviu. Fez um trabalho excelente, com exceção da pronúncia da terceira palavra na primeira estrofe. Foi assim — pronunciou algo que soou vagamente Galês — que você disse, mas na verdade devia ser — outra palavra impronunciável que soou idêntica à primeira que tinha dito. Posso ter crescido num bando de lobisomens liderado por um galês, mas o Inglês era a língua comum e nem o Marrok nem o seu filho Samuel usavam o Galês com uma frequência que me permitisse ter ouvido para ele. — Pensei que, uma vez que tudo o resto foi tão bem feito, devesse saber.

Samuel inclinou ligeiramente a cabeça e disse cerca de quinze ou vinte palavras que soavam galesas.

O homem da t-shirt tingida franziu o sobrolho.

— Se foi aí que aprendeu a sua pronúncia, não é de admirar que tenha tido um problema. Tolkien *baseou* a sua língua élfica no Galês e no *Finlandês*.

— Compreendeu o que ele disse? — perguntou Adam.

— Oh, por favor. É a inscrição no Anel de Sauron, estás a ver, *Um Anel Para Todos Governar*... toda a gente sabe isso.

Parei onde estava, perplexa apesar da urgência da minha necessidade. Um fanático da música folclórica, quem havia de dizer?

Samuel exibiu um sorriso rasgado.

— Muito bem. É a única coisa que sei dizer em língua élfica, mas não resisti a brincar um bocadinho consigo. Um velho galês ensinou-me a canção. A propósito, chamo-me Samuel Cornick. Você é...?

— Tim Milanovich.

— É um prazer conhecê-lo, Tim. Vai atuar mais tarde?

— Vou fazer um workshop com um amigo. — Sorriu timidamente. — Talvez gostasse de assistir: música tradicional celta. Às catorze horas de domingo no Centro Comunitário. Você toca muito bem, mas se quiser entrar na indústria musical, precisa de organizar melhor as canções, arranjar um tema — como nas canções tradicionais celtas. Apareça na minha apresentação que eu dou-lhe algumas ideias.

Samuel dirigiu-lhe um sorriso grave, embora eu soubesse que as probabilidades de Samuel «organizar» a sua música eram equivalentes às probabilidades da existência de sincelo no Inferno. Mas mentiu, educadamente.

— Tentarei aparecer. Obrigado.

Tim Milanovich apertou a mão a Samuel e depois foi-se embora, deixando apenas os lobisomens e Kyle para trás.



Assim que ficou fora do alcance do ouvido, os olhos de Samuel concentraram-se em mim.

— O que é que se passa, Mercy?

Kyle arranhou-me uma advogada. Assegurou-me que era cara, uma chata dos diabos e a melhor advogada de defesa criminal deste lado de Seattle. Não ficou agradada com a ideia de defender um ser feérico, mas, segundo me dissera Kyle, isso não iria afetar o seu desempenho, apenas o seu preço. Vivia em Spokane, mas concordou que o tempo era essencial. Pelas quinze horas dessa mesma tarde, estava em Kennewick.

Depois de lhe ter sido garantido que Zee não falava com a polícia, exigiu encontrar-se comigo no gabinete de Kyle primeiro, antes de ir para a esquadra. Para ouvir a história da minha boca, dissera a Kyle, antes de falar com Zee ou com a polícia.

Uma vez que era um sábado, o eficiente *staff* de Kyle e os outros dois advogados que trabalhavam com ele estavam ausentes, e tínhamos o seu luxuoso gabinete só para nós.

Jean Ryan era uma mulher com cinquenta e tal anos que mantivera a silhueta à custa de um trabalho árduo que deixava perceber músculos tensos por baixo do fato de linho fino que vestia. O seu cabelo loiro extremamente claro só podia ser proveniente de um salão de beleza, mas os olhos de um azul surpreendentemente suave não ficavam nada a dever a lentes de contacto.

Não sei o que pensou quando olhou para mim, embora tenha reparado que os seus olhos analisaram as minhas unhas partidas e a sujidade alojada nos nós dos dedos.

O cheque que lhe passei fez-me engolir em seco e esperar que o Tio Mike cumprisse a sua palavra e cobrisse a despesa — e isto era apenas para a consulta inicial. Talvez a minha mãe tivesse razão e eu devesse ter ido para

advogada. Ela sempre afirmou que pelo menos enquanto advogada o meu espírito contraditório seria uma vantagem.

Jean Ryan enfiou o meu cheque na sua bolsa e em seguida entrelaçou os dedos sobre o tampo da mesa na mais pequena das duas salas de conferência de Kyle.

— Conte-me o que se passou — disse.

Tinha acabado de começar quando Kyle aclarou a garganta. Parei para olhá-lo.

— O Zee não se pode dar ao luxo de a Jean ficar apenas ao corrente da parte mais segura — disse-me. — Tens de lhe contar tudo. Não há ninguém que saiba detetar melhor uma mentira do que um advogado de defesa criminal.

— Tudo? — perguntei-lhe com os olhos esbugalhados.

Bateu-me ao de leve no ombro.

— A Jean sabe manter segredos. Se não souber de tudo, vai defender o teu amigo com uma mão presa atrás das costas.

Cruzei os braços à altura do peito e dirigi-lhe um olhar longo e uniforme. Não havia nada nela que me inspirasse a confiança necessária para com ela partilhar os meus segredos. Mulher com ar menos maternal raras vezes teria visto — excetuando aqueles olhos.

A sua expressão era serena e vagamente insatisfeita — se era causada por ter conduzido duzentos e quarenta quilómetros num sábado, por defender um ser feérico, por defender um assassino, ou pelas três razões, não sabia dizer.

Inspirei fundo e suspirei.

— Está bem.

— Comece pela razão que terá levado o Sr. Adelbertsmiter a sentir a necessidade de chamar uma mecânica para examinar o local de um crime — disse sem tropeçar no nome de Zee. Perguntei-me, de forma um tanto cruel, se o teria praticado durante a viagem. — Deveria começar assim: «Porque não sou apenas uma mecânica, sou...».

Semicerrei os olhos na direção dela; a vaga antipatia que a sua aparência me tinha infundido desabrochou face ao seu tom paternalista. O facto de ter sido criada no seio de lobisomens deixara-me com uma forte aversão a tons paternalistas. Não gostava dela, não confiava nela para defender Zee — e só a defesa de Zee faria com que merecesse a pena expor-lhe os meus segredos.

Kyle leu-me o rosto.

— Ela é uma cabra, Mercy. É por isso que é tão boa. Ela safá o teu amigo se isso for possível.

Uma das suas elegantes sobrancelhas ergueu-se.

— Muitíssimo obrigada pela avaliação de caráter, Kyle.

Kyle sorriu-lhe. Um sorriso relaxado e genuíno. Independentemente do que eu pensasse a seu respeito, Kyle gostava dela. Uma vez que não podia ser pelos seus modos afáveis, deveria querer dizer que ela era uma boa pessoa.

Ter-me-ia sentido melhor se ela tivesse animais de estimação. Um cão ou mesmo um gato teriam apontado para uma afetuosidade que não lhe conseguia ver, mas o único cheiro que dela emanava era Chanel Nº 5 e fluido de limpeza a seco.

— Mercy — aliciou Kyle num tom que devia ter aperfeiçoado com as mulheres de cujos divórcios ele tratava. — Tens de lhe contar.

Não ando por aí a contar às pessoas que sou uma caminhante. Excetuando a minha família, Kyle é o único humano que sabe.

— Libertar o seu amigo poderá significar que terá de depor e dizer numa sala de audiências cheia de gente o que você é — disse Jean Ryan. — Até que ponto se importa com o que irá acontecer ao Sr. Adelbertsmiter?

Ela pensava que eu era uma espécie qualquer de criatura feérica.

— Está bem. — Saí da cadeira pecaminosamente confortável e caminhei em direção à janela, onde por momentos me pus a olhar para o trânsito na Clearwater Avenue. Apenas via uma maneira de resolver isto rapidamente.

— Não sou apenas uma mecânica — disse-lhe, usando as suas palavras —, sou amiga do Zee. — Rodei velozmente sobre mim mesma de modo a ficar virada para ela e puxei a t-shirt por cima da cabeça, usando os dedos dos pés para descalçar as sapatilhas e as peúgas ao mesmo tempo.

— Está a tentar dizer-me que também é stripper? — perguntou enquanto tirava o sutiã e o deixava cair sobre a minha t-shirt no chão. A julgar pelo seu tom de voz, poderia estar a fazer abdominais em vez de me despir que seria a mesma coisa.

Desapertei as calças de ganga e puxei-as pelas ancas abaixo juntamente com a minha roupa interior. Quando cheguei ao ponto em que a única coisa que usava eram as minhas tatuagens, convoquei o coioote em mim e assumi a sua forma. Passados momentos, tinha terminado.

— Mulher-loba? — Jean Ryan tinha saído disparada da cadeira e caminhava lentamente às arrecuas em direção à porta.

Não sabia distinguir um coioote de um lobisomem? Isso era como olhar para um *Geo Metro* e chamar-lhe HMMWV.

Consegui cheirar-lhe o medo e isso satisfiz algo bem no fundo de mim que se vinha contorcendo sob a sua expressão impassível e superior. Dobrei o lábio superior de modo a que pudesse ver bem os meus dentes. Posso pesar uns meros quinze quilos na forma de coioote, mas era uma pre-

dadora e podia ter matado uma pessoa se quisesse: em tempos matara um lobisomem apenas com as minhas presas.

Kyle pôs-se de pé ao lado dela antes que pudesse correr porta fora. Agarrou-a pelo braço com firmeza.

— Se ela fosse uma mulher-loba, estarias metida em sarilhos — disse-lhe Kyle. — Nunca se foge de um predador. Mesmo o mais bem comportado terá dificuldade em não perseguir a presa.

Sentei-me e, com um bocejo, pus fim aos últimos zumbidos da transformação. Também lhe exibí novamente os dentes, o que parecia incomodá-la. Kyle lançou-me um olhar de censura, mas continuou a tranquilizar a advogada.

— Ela não é uma mulher-loba; são muito maiores e assustadores, acredita-me. Também não é uma criatura feérica. É algo um pouco diferente, nativo da nossa terra, não importado como os seres feéricos ou os lobisomens. A única coisa que ela consegue fazer é transformar-se em coiote e voltar à forma humana.

Não propriamente. Conseguia matar vampiros — desde que estivessem indefesos, aprisionados pelo dia.

Engoli, tentando humedecer a minha boca que se pôs subitamente seca. Detestava este medo repentino e doloroso que me assaltava sem aviso. De cada vez que via a pequena deficiência no andar de Warren, sabia que iria destruir os vampiros novamente — mas paguei o preço da sua eliminação com estes ataques de pânico.

A explicação calma de Kyle tinha dado tempo a Jean Ryan para recuperar a sua fachada calma. Kyle provavelmente não tinha noção de quão furiosa ela estava, mas os meus sentidos mais apurados não foram ludibriados pelo controlo que ela tinha readquirido. Ainda sentia medo, mas o seu medo não era tão forte quanto a sua raiva.

Normalmente, o medo também me fazia sentir furiosa. Furiosa e descuidada. Perguntei-me se ter-lhe mostrado aquilo que eu era teria sido boa ideia.

Regressei à minha forma humana e ignorei o ronco de fome com que as duas transformações rápidas me deixaram. Recoloquei as roupas, demorando algum tempo a apertar as sapatilhas de modo a que os laços estivessem iguais, após o que regressei ao meu lugar, dando a Jean Ryan tempo para readquirir a compostura.

Estava sentada quando olhei para cima, mas tinha-se mudado para o lado oposto da mesa e ocupado a cadeira ao lado de Kyle.

— O Zee é meu amigo — disse-lhe novamente numa cadência lenta. — Ele ensinou-me tudo o que sei sobre reparação de carros e vendeu-me a oficina dele quando foi forçado a admitir que era um ser feérico.

Franziu-me o sobrolho.

— É mais velha do que parece? Seria uma criança quando os seres feéricos se deram a conhecer.

— Não se deram a conhecer todos ao mesmo tempo — expliquei-lhe. A pergunta dela acalmou-me os nervos. Era a vida de Zee que estava aqui em jogo, não a minha. Não por enquanto. Continuei a falar para que não me perguntasse por que motivo tinha Zee vindo a público. Se havia coisa que não podia de modo algum contar a um estranho era a existência dos Senhores Cinzentos. — O Zee só admitiu o que era há poucos anos, sete ou oito, talvez. Ele sabia que o facto de ser uma criatura feérica ia afugentar as pessoas da oficina. Eu andava a trabalhar para ele há uns dois anos e gostava de mim, portanto vendeu-me a mim.

Reuni os meus pensamentos, tentando dizer-lhe o que ela precisava de saber sem demorar uma eternidade.

— Tal como lhe disse, telefonou-me ontem a pedir a minha ajuda porque alguém andava a matar seres feéricos na reserva. O Zee achou que com o meu faro poderia detetar o assassino. Calculo que tenha sido uma espécie de último recurso. Quando fomos para a reserva, o O'Donnell estava no portão e anotou o meu nome quando entrámos. Isso está registado. Imagino que a polícia vá encontrar esse registo se pensar em procurar. O Zee levou-me aos locais dos crimes e descobri que um mesmo homem tinha estado presente em cada uma das casas: o O'Donnell.

Ela vinha tirando notas num bloco de estenografia mas parou de fazê-lo, pousou o lápis e franziu o sobrolho.

— O O'Donnell esteve presente em todos os locais dos crimes e você verificou isso *cheirando-o*?

Ergui as sobrancelhas.

— Um coioote tem um olfato muito apurado, Sra. Ryan. Eu tenho uma memória muito boa para cheiros. Apreendi o de O'Donnell na altura em que nos fez parar quando íamos entrar. E o cheiro dele estava em todas as casas das vítimas de homicídio que visitei.

Olhou-me fixamente, mas não era uma mulher-loba que me pudesse arrancar a goela por eu a desafiar — portanto também me fixei nela.

Baixou os olhos primeiro, olhando ostensivamente para as suas notas. As pessoas podem ser muito insensíveis à linguagem corporal. Talvez nem sequer se tenha dado conta de que perdera a disputa de poder, embora o seu subconsciente tenha registado isso.

— Ao que sei, o O'Donnell era empregado do GAF como segurança — disse, voltando algumas páginas atrás. — Não se poderá dar o caso de ele lá ter estado a investigar as mortes?

— O GAF não fazia ideia de que havia quaisquer assassinatos — in-

formei-a. — Os seres feéricos fazem o seu próprio policiamento interno. Seja como for, se tivessem ido pedir ajuda aos agentes federais, tenho praticamente a certeza absoluta de que teriam chamado o FBI, não o GAF. E o O'Donnell era um guarda, não um investigador. Disseram-me que não havia nenhuma razão para o O'Donnell ter estado em todas as casas onde houve um assassinato, e não tenho razões para duvidar disso.

Tinha recommçado a escrever, utilizando a estenografia.

— Portanto disse ao Sr. Adelbertsmiter que o O'Donnell era o assassino?

— Disse-lhe que ele era a única pessoa cujo cheiro detetei em todos os locais.

— Quantos locais?

— Quatro. — Decidi não lhe contar que tinham sido mais; não lhe queria explicar o porquê de não ter ido a todos os locais dos crimes. Se Zee não tinha querido falar comigo sobre a minha viagem a Underhill, calculei que não queria que a discutisse com uma advogada.

Pausou novamente.

— Foram assassinadas quatro pessoas na reserva e eles não pediram ajuda?

Sorri-lhe tenuemente.

— Os seres feéricos não gostam de atrair a atenção do exterior. Pode ser perigoso para todos. Também estão bastante conscientes daquilo que a maior parte dos humanos, incluindo os agentes federais, sente em relação a eles. A mentalidade «O único ser feérico bom é o ser feérico morto» impera no seio dos conservadores que escolhem o grosso da soldadesca no governo, quer seja na Segurança Interna, no FBI, no GAF, ou em qualquer uma das outras agências alfabéticas.

— Tem problemas com o governo federal? — perguntou-me.

— Tanto quanto sei, nenhum deles tem qualquer tipo de preconceito contra mecânicas meio índias — respondi-lhe com a mesma suavidade —, portanto por que é que haveria de ter qualquer tipo de problema com eles? No entanto, consigo entender perfeitamente o motivo pelo qual os seres feéricos se sentiriam relutantes em comunicar uma série de assassinatos a um governo cujo historial de relações com os seres feéricos não é propriamente imaculado. — Encolhi os ombros. — Talvez se eles se tivessem apercebido mais cedo de que o assassino não era outro ser feérico pudessem tê-lo feito. Não sei.

Inclinou a cabeça na direção das suas notas.

— Portanto disse a Zee que O'Donnell era o assassino?

Assenti com a cabeça.

— Depois peguei na carrinha do Zee e conduzi até casa. Foi de manhã

cedo, talvez pelas quatro horas, que nos separámos. Fiquei a entender que ele ia à casa do O'Donnell falar com ele.

— Apenas falar?

Encolhi os ombros, relanceei os olhos a Kyle, e tentei decidir até que ponto confiava no seu juízo. Toda a verdade, não é? Suspirei.

— Foi o que ele disse, mas fiquei convencida de que se o O'Donnell não tivesse uma boa história, não ia acordar de manhã.

O seu lápis bateu na mesa com um estalido.

— Está a dizer-me que o Zee foi à casa do O'Donnell para o assassinar? Respirei fundo.

— Você não vai compreender isto. Não conhece os seres feéricos, não verdadeiramente. Aprisionar um ser feérico é... impraticável. Em primeiro lugar, é difícil como o diabo. Manter uma pessoa presa já é difícil quanto basta. Manter um ser feérico preso, seja por quanto tempo for, é quase impossível se for contra a sua vontade. Mesmo excluindo isso, uma prisão perpétua é altamente impraticável se considerarmos que os seres feéricos podem viver centenas de anos. — Ou muito mais, mas o público não sabia disso. — E quando forem libertados, não é provável que encarem a situação como um cumprimento da justiça. Os seres feéricos são uma raça ávida de vingança. Se alguém prende um ser feérico, seja por que motivo for, é bom que esteja morto quando for libertado ou vai desejar ter estado. A justiça humana simplesmente não está equipada para lidar com os seres feéricos, portanto eles tratam disso. Uma criatura feérica que cometa um crime grave — como um homicídio — é simplesmente executada ali mesmo. — Os lobisomens faziam o mesmo.

Apertou a cana do nariz como se eu lhe estivesse a provocar uma dor de cabeça.

— O O'Donnell não era uma criatura feérica. Era humano.

Considerarei a possibilidade de tentar explicar o motivo pelo qual um povo que estava acostumado a fazer a sua própria justiça se importaria menos caso o perpetrador fosse humano, mas decidi que era inútil.

— O facto é que o Zee não matou o O'Donnell. Alguém chegou lá primeiro.

A sua expressão branda não indicava crença, portanto perguntei:

— Conhece a história de Thomas o Rimador<sup>6</sup>?

— O Fiel Thomas<sup>7</sup>? É um conto de fadas — disse ela. — Um arquétipo do conto «Rip Van Winkle», de Irving.

---

<sup>6</sup> Thomas Learmonth, proprietário de terras e profeta escocês que viveu no século XIII. (*N. do T.*)

<sup>7</sup> Um dos nomes pelos quais é conhecido Thomas Learmonth. (*N. do T.*)



— Hum — repliquei. — Na verdade, tenho a impressão de que no essencial se tratou de uma história verdadeira. A de Thomas, quero eu dizer. Seja como for, Thomas foi uma figura histórica real, uma entidade política distinta do século treze. Afirmava que tinha sido capturado durante sete anos pela rainha das fadas, e que depois lhe foi permitido o regresso. Ou pediu à rainha das fadas um sinal de que podia mostrar aos seus parentes de modo a acreditarem nele quando disse onde tinha estado, ou roubou um beijo da rainha das fadas. Seja qual for o motivo, deram-lhe um presente, e, à semelhança da maior parte dos presentes de fadas, era mais uma maldição do que uma bênção. A rainha transformou-o em alguém incapaz de mentir. Para um diplomata ou um amante ou um homem de negócios, isso era algo cruel de se fazer, mas as criaturas feéricas são frequentemente cruéis.

— Onde quer chegar?

Não me pareceu satisfeita. Suponho que não gostasse de acreditar que qualquer conto de fadas pudesse ser verdadeiro. Era uma atitude comum.

As pessoas podiam acreditar nos seres feéricos, mas contos de fadas eram contos de fadas. Apenas as crianças acreditariam verdadeiramente neles.

Era uma atitude que os próprios seres feéricos promoviam. Na maior parte dos contos tradicionais, os seres feéricos não são propriamente amigáveis. Veja-se João e Maria, por exemplo. Zee uma vez disse-me que há imensas criaturas feéricas na reserva que, se lhes fosse permitido adotarem as suas dietas preferidas, de bom grado comeriam pessoas... especialmente crianças.

— Foi amaldiçoado para se tornar como os próprios seres feéricos — disse-lhe. — A maior parte dos seres feéricos, incluindo o Zee, não consegue dizer uma mentira. São muitíssimo bons a fazer alguém pensar que lhe estão a dizer uma coisa quando pretendem transmitir outra, mas não conseguem mentir.

— Toda a gente consegue mentir.

Sorri-lhe curtamente.

— Os seres feéricos não conseguem. Não sei porquê. São capazes de fazer as coisas mais incríveis com a verdade, mas não conseguem mentir. — Suspirei tristemente. Tinha tentado descortinar uma forma de deixar o Tio Mike de fora, mas infelizmente não havia outra forma de contar esta parte. Zee e eu ainda não tínhamos falado desde que fora preso; isso estava registado e do conhecimento de quem quisesse saber. Tinha de convencê-la de que Zee estava inocente. — Ainda não falei com o Zee, por isso não sei a história dele...

— Ninguém falou — disse ela. — O meu contacto no departamento de polícia garantiu-me que ele não falou com ninguém desde que foi preso. Uma atitude sensata que me permitiu falar consigo antes de falar com ele.

— O Zee estava acompanhado de outro ser feérico. Foi ele quem me contou que o Zee não matou o O'Donnell. Ele e o Zee entraram e encontraram o cadáver mais ou menos na mesma altura em que a polícia apareceu. O outro ser feérico conseguiu esconder-se da polícia, mas o Zee não.

— Ele também se teria conseguido esconder?

Encolhi os ombros.

— Todos os seres feéricos têm *glamour*, que lhes permite mudar a sua aparência. Alguns deles conseguem esconder-se completamente. Vai ter de lhe perguntar, embora ele provavelmente não lhe vá responder. Acho que o Zee fez o que fez para que a polícia não vasculhasse e encontrasse o amigo dele.

— Altruísmo? — Talvez quem não tivesse sido criado com lobisomens não se tivesse apercebido do desdém que sentiu pela minha teoria. Aparentemente, aos seus olhos os seres feéricos não eram capazes de gestos de altruísmo.

— O Zee é um dos raros seres feéricos capazes de tolerar o metal. O amigo dele não é. A prisão seria muito dolorosa para a maior parte dos seres feéricos.

Bateu ao de leve com a extremidade do bloco de notas na mesa.

— Portanto, com tudo isto o que me quer dizer é que um ser feérico que não consegue mentir lhe contou que o Zee não matou o O'Donnell. Isso não vai convencer os jurados.

— Tinha esperança de a convencer a si.

Ergueu as sobrancelhas.

— Não interessa o que eu penso, Sra. Thompson.

Não sei que expressão estava estampada no meu rosto, mas ela riu-se.

— Um advogado tem de defender o inocente ou o culpado, Sra. Thompson. É assim que o nosso sistema jurídico funciona.

— Ele não é culpado.

Encolheu os ombros.

— Ou assim o diz você. Mesmo que o amigo do Zee não consiga mentir, você não é uma criatura feérica, pois não? Seja como for, ninguém é culpado até ser condenado num tribunal. Se já disse tudo o que tinha a dizer-me, vou falar com o Sr. Adelbertsmiter.

— Consegue arranjar maneira de eu ir à casa do O'Donnell? — perguntei. — Talvez consiga descobrir alguma coisa sobre o verdadeiro assassino. — Bati com dedo ao de leve no nariz.

Ponderou a questão e em seguida abanou a cabeça.

— Você contratou-me para ser a advogada do Sr. Adelbertsmiter, mas também me sinto em certa medida obrigada perante si. Não seria proveitoso para si, nem para o Sr. Adelbertsmiter, provar a si mesma alguma coisa...

que não humana neste momento. Está a pagar-me pelos meus serviços, portanto a polícia vai concentrar-se em si. Confio que não vão descobrir nada.

— Nada com interesse.

— Ninguém sabe que você consegue... transformar-se?

— Ninguém que pudesse contar à polícia.

Pegou no bloco de notas e pousou-o novamente.

— Se tem andado a ler os jornais ou a seguir os noticiários, saberá que estão a ser colocadas algumas questões legais relacionadas com os lobisomens.

Questões legais. Suponho que fosse uma forma de colocar o problema. Os seres feéricos, ao aceitarem o sistema da reserva, tinham aberto caminho para a introdução de uma proposta de lei no Congresso que negava aos lobisomens a cidadania plena e todos os direitos constitucionais a ela associados. Ironicamente, estava a ser proposta como uma revisão da Lei das Espécies em Vias de Extinção.

A Sra. Ryan acenou contundentemente com a cabeça.

— Se se vier a saber que você se consegue transformar em coioote, o tribunal poderá considerar o seu testemunho inadmissível, o que poderá ter mais consequências legais para si. — Porque podiam decidir que eu era um animal e não humana, pensei. — O que quer que encontrasse seriam provas pouco sólidas, mesmo se fossem admitidas. O tribunal não vai ter a mesma visão sobre a sua fiabilidade que o Zee aparentemente teve. Especialmente considerando que se terá de declarar como pertencendo a uma espécie diferente, o que poderá ser uma coisa muito perigosa nesta altura. — A proposta de lei dos lobisomens não iria ser aprovada — Bran tinha demasiada influência no Congresso — mas eu não era nem mulher-loba nem criatura feérica, e a mesma proteção podia não me abranger.

Franziu-me o sobrolho e mexeu inquietamente no bloco de notas.

— Devia saber que eu pertença à Sociedade John Lauren.

Olhei para Kyle. A Sociedade John Lauren era o maior dos grupos anti-feéricos. Embora mantivessem uma fachada de respeitabilidade, no ano anterior houvera alegações que diziam que tinham financiado um pequeno grupo de jovens em idade universitária que tentara mandar pelos ares um conhecido bar de seres feéricos em Los Angeles. Afortunadamente, a sua competência não se equiparara à sua convicção e apenas conseguiram provocar estragos menores e mandar um casal de turistas para o hospital por inalação de fumo. As autoridades tinham-nos caçado bastante depressa e encontrado um apartamento cheio de explosivos dispendiosos. Os jovens tinham sido condenados, mas as autoridades não conseguiram constituir um caso contra a organização mais ampla e abastada.

Tinha acesso a informações não disponíveis para as autoridades e sabia que a Sociedade John Lauren era bem mais vil do que o próprio FBI suspeitava.

Kyle tinha-me arranjado uma advogada que não se limitava a não gostar de seres feéricos — gostava de vê-los eliminados.

Kyle deu-me uma palmadinha na mão.

— A Jean não vai permitir que as crenças pessoais dela interfiram no seu trabalho. — Em seguida, sorriu-me. — E será uma mais-valia termos alguém que é tão ativo na comunidade anti-feérica a defender o teu amigo.

— Não estou a fazer isto por acreditar que ele é inocente — disse.

Kyle desviou a atenção na direção dela e o seu sorriso tornou-se feroz. Raramente mostrava aquele seu lado a quem quer que fosse.

— Podes dizer isso aos jornais e aos jurados e ao juiz, que mesmo isso não os vai impedir de acreditar que ele deverá estar inocente, porque se assim não fosse não terias aceitado o caso.

Pareceu ter ficado horrorizada, mas não discordou.

Tentei imaginar-me a trabalhar num emprego onde as minhas convicções fossem um inconveniente que se aprende a ignorar — e cheguei à conclusão de que preferia manusear uma chave de porcas independentemente de quão melhor fosse o ordenado dela.

— Nesse caso vou manter-me longe do local do crime — menti. Não era uma criatura feérica. O que a polícia e a Sra. Ryan não soubessem não os prejudicaria. O coioote é um bicho matreiro e familiarizado com as coisas feitas pela calada — e não estava disposta a deixar que o destino de Zee dependesse inteiramente desta mulher.

Haveria de descobrir quem matara O'Donnell e arranjar uma maneira de provar a sua culpa sem que isso implicasse ter de contar a meia dúzia dos meus pares que o cheirei.

Fui buscar dois hambúrgueres e batatas fritas a um restaurante de comida rápida e segui de carro até casa. A caravana estava com o aspeto mais sofisticado que uma seis metros por vinte e sete dos anos setenta podia ter. O novo revestimento exterior tinha dado ao alpendre um ar piroso, portanto pintara-o de cinzento. Samuel tinha sugerido vasos com flores para enfeitar, mas não gosto de ver coisas vivas sofrer desnecessariamente — e sou uma especialista em matar plantas.

O *Mercedes* de Samuel não estava no lugar do costume, portanto ainda devia estar no *Tumbleweed*. Tinha-se oferecido para ir comigo ao encontro com a advogada — e Adam também. E foi assim que acabei acompanhada apenas de Kyle, que nenhum dos lobisomens encarava como um rival.

Abri a porta principal e o cheiro a estufado cozinhado num panelo de barro fez com que o meu estômago roncasse em sinal de aprovação.

No balcão da cozinha, ao lado do panelo de barro estava um bilhete. Samuel aprendera a escrever antes de as máquinas de escrever e os computadores tornarem a caligrafia uma arte praticada pelas crianças da escola primária. Os seus bilhetes pareciam sempre convites formais de casamento. Era difícil acreditar que um médico escrevesse de facto assim.

*Mercy, dizia o seu bilhete com belos floreados que faziam com que o alfabeto se assemelhasse a um conjunto de obras de arte. Desculpa não estar aqui. Ofereci-me como voluntário para o festival até ao final do concerto de hoje à noite. Come qualquer coisa.*

Segui o seu conselho e peguei numa tigela. Tinha fome, Samuel era um bom cozinheiro — e ainda faltavam algumas horas até anoitecer.

A morada de O'Donnell estava na lista telefónica. Vivia em Kennewick, muito perto da rua Olympia, numa casa de dimensão modesta que tinha um pátio bem tratado e uma vedação branca com dois metros e meio de altura a cercar o jardim das traseiras. Era uma das casas construídas com blocos de cimento razoavelmente comuns na zona. Recentemente alguém tivera a impressão errada de que pintá-la de azul e colocar portadas nas janelas lhe daria um aspeto menos industrial.

Passsei de carro, observando a fita amarela da polícia que cobria as portas — e as casas escuras de cada um dos lados.

Demorei algum tempo a encontrar um bom lugar para estacionar. Num bairro como este, as pessoas reparariam num carro desconhecido estacionado em frente às suas casas. Finalmente estacionei num parque junto a uma igreja que não ficava muito distante.

Coloquei a coleira com as etiquetas indicando o número de telefone de Adam e a sua morada como minha casa. Uma viagem ao canil deixara-me grata por esta pequena precaução. Não me parecia minimamente com um cão, mas pelo menos na cidade não haveria agricultores furiosos prontos a alvejar-me antes de me verem a coleira.

Encontrar um sítio para me transformar foi um pouco mais desafiante. Com o canil podia eu, mas não queria apanhar uma multa por atentado ao pudor. Finalmente encontrei uma casa vazia com o letreiro de um agente imobiliário em frente e um barracão aberto no jardim.

Daí apenas tive de trotar dois quarteirões até à casa de O'Donnell. Felizmente, a vedação no jardim das traseiras de O'Donnell dava garantias de privacidade, uma vez que tive de voltar a transformar-me e tirar as gazuas que tinha colado com fita-cola no interior da coleira.

Ainda estávamos perto do verão, portanto o ar da noite era agradável — uma coisa boa, considerando que tive de abrir a maldita fechadura completamente nua e demorei demasiado tempo. Samuel tinha-me ensinado a abrir fechaduras quando eu tinha catorze anos. Não tinha praticado muito desde então — apenas um par de vezes quando tinha encravado as chaves no carro.

Assim que abri a porta, substituí as gazuas dentro do colar. Bendita fita-cola, ainda estava suficientemente pegajosa para segurá-las.

Logo à entrada estavam uma máquina de lavar e uma de secar, com uma toalha suja pousada na máquina de secar. Peguei-a e limpei a porta, a maçaneta, a fechadura e tudo aquilo que pudesse ter as minhas impressões digitais. Não sabia se tinham alguma coisa para detetar impressões das plantas dos pés, mas limpei o chão no sítio onde tinha dado um passo para alcançar a toalha e em seguida atirei-a novamente para a máquina de secar.

Deixei a porta praticamente fechada, mas sem encaixar o trinco, após o que regresssei à forma de coiote, encolhendo-me sob a mira de olhos que não estavam lá. Eu sabia, *sabia* que ninguém me tinha visto entrar. O vento suave e intervalado teria transportado o cheiro de quem quer que pudesse estar a seguir-me pela calada. Ainda assim, sentia alguém a observar-me, quase como se a casa tivesse consciência da minha presença. Assustador.

Com a minha cauda desconfortavelmente contraída, concentrei a atenção na tarefa que tinha em mãos de modo a ir-me embora o mais depressa possível — mas, contrariamente às casas dos seres feéricos, esta tinha visto muitas pessoas a entrar e sair recentemente. A polícia, pensei, a equipa de medicina legal, mas mesmo antes de eles terem aparecido muita gente tinha estado na entrada das traseiras.

Não esperava que um patego odioso como O'Donnell tivesse muitos amigos.

Atravessei a entrada até à cozinha e o grande volume de pessoas dissipou-se. Três ou quatro odores ligeiros, O'Donnell e alguém que usava uma água-de-colónia particularmente má tinham estado aqui.

As portas do guarda-louça estavam escancaradas e as gavetas abertas pendiam um pouco tortas. Panos de cozinha encontravam-se espalhados em montes engelhados no balcão.

Talvez o Homem da Água-de-Colónia fosse um agente da polícia que tinha revistado a cozinha — a menos que O'Donnell fosse o tipo de pessoa que enfiava a sua louça aleatoriamente a um lado do guarda-louça e armazenasse o seu material de limpeza numa pilha no chão em vez de o enfiar arrumadamente no espaço debaixo da banca atrás das portas que se encontravam abertas, revelando o espaço escuro e vazio por baixo.

A luz ténue da meia-lua desvendava um fino pó preto espalhado pelas

portas do guarda-louça e pelo balcão que reconheci como a substância que a polícia usa para revelar impressões digitais — a televisão é uma boa ferramenta educacional e Samuel é viciado nesses programas que são um misto de ciência forense, telenovela e série de mistério.

Relanceei os olhos à porta, mas não havia nada nela. Talvez tivesse sido um bocado paranoica ao limpar a porção de linóleo sobre a qual tinha estado descalça.

O primeiro quarto, do outro lado do corredor de ligação, era obviamente o de O'Donnell. Toda a gente que estivera na cozinha também tinha estado aqui dentro, incluindo o Homem da Água-de-Colónia.

Uma vez mais parecia que alguém tinha revistado tudo. Estava em pantanas. Todas as gavetas tinham sido postas na vertical sobre a cama e depois todo o roupeiro tinha sido virado do avesso. Todos os bolsos das suas calças tinham sido puxados para fora.

Perguntei-me se a polícia teria deixado as coisas naquele estado.

Saí às arrecuas e entrei no quarto seguinte. Este era mais pequeno e não tinha cama. Em vez disso havia três mesas desdobráveis que estavam tombadas. A janela do quarto estava estilhaçada e tapada com fita da polícia. Alguém tinha ficado zangado quando tinham entrado aqui, e estava capaz de apostar que não foi a polícia.

Evitando o melhor que conseguia os vidros espalhados pelo chão, olhei mais atentamente o caixilho da janela. Era um daqueles mais recentes, em vinil, e a metade de baixo tinha sido concebida para deslizar para cima. O que quer que tivesse sido atirado através da janela também tinha arrancado da parede grande parte do caixilho.

Mas eu sabia que o assassino era forte. Afinal de contas, tinha arrancado a cabeça a um homem.

Desviei a atenção da janela para explorar o resto do quarto mais atentamente. Apesar da confusão aparente, não havia muito que ver: três mesas desdobráveis e onze cadeiras desdobráveis — relanceei os olhos à janela e pensei que uma cadeira desdobrável, atirada com muita força, era capaz de atravessar uma janela como aquela.

Uma máquina de metal que me pareceu estranhamente familiar tinha dentado a parede antes de aterrar no chão. Mexi-lhe com a pata e apercebi-me de que era uma máquina de franquear antiga. Alguém andava a enviar correio em massa a partir daqui.

Abaixei o focinho e comecei a prestar atenção ao que vinha tentando indicar-me. Em primeiro lugar, este quarto era mais público do que a cozinha ou do que o primeiro quarto, mais à semelhança da porta das traseiras e da entrada.

A maioria das casas tem um cheiro básico, na maior parte dos casos

uma combinação de produtos de limpeza preferidos (ou falta deles) e os odores corporais das famílias que nelas vivem. Este quarto tinha um cheiro diferente do resto da casa. Havia — olhei novamente para a dispersão de cadeiras — talvez umas dez a doze pessoas que frequentavam este quarto vezes suficientes para nele deixarem mais do que um cheiro superficial.

Isso era bom, pensei. Considerando a forma como O'Donnell me tinha irritado — qualquer pessoa que o conhecesse era um provável assassino dele. No entanto — olhei novamente para a janela — não tinha ali estado nenhum ser feérico ou criatura mágica que eu fosse capaz de distinguir. Nenhum humano teria destruído a janela daquela forma — ou arrancado a cabeça de O'Donnell.

Ainda assim memorizei os seus cheiros.

Tinha feito o que podia nesta divisão — o que significava que apenas me faltava uma. Tinha deixado a sala de estar para o fim por duas razões. Em primeiro lugar, se alguém me visse, seria através da grande janela panorâmica na parte da casa que dava para a rua. Em segundo lugar, até o olfato de um humano teria percebido que a sala de estar tinha sido o local onde O'Donnell fora morto e eu estava cada vez mais cansada de banhos de sangue.

Acho que foi o pavor do que encontrara na sala de estar que me fez olhar para trás na direção do quarto e não tanto o instinto de que algo me poderia ter escapado.

Um coiote, pelo menos este coiote, fica sessenta centímetros abaixo da altura de um ombro. Julgo que essa seja a razão pela qual nunca me ocorreu olhar para cima na direção das imagens na parede. Pensava que eram apenas posters; tinham a dimensão e a forma apropriadas, com acrílico barato a condizer e molduras de plástico preto. Também o quarto era escuro, mais escuro do que a cozinha porque a Lua estava do outro lado da casa. No entanto, a partir da porta consegui ver bem as imagens emolduradas.

Eram de facto posters, posters muito interessantes para um segurança que trabalhava para o GAF.

O primeiro exibia uma criança com um fofo vestido de domingo de Páscoa, sentada num banco de mármore num cenário semelhante a um jardim. O cabelo dela era claro e encaracolado. Olhava para a flor que tinha na mão. O rosto era redondo com um nariz pequeno e lábios cor de cereja. No topo do poster lia-se em letras gordas: PROTEJA AS CRIANÇAS. No fundo, em letras mais pequenas, o poster anunciava que o grupo Cidadãos Para Um Futuro Risonho ia reunir-se no dia dezoito de novembro de há dois anos.

À semelhança da Sociedade John Lauren, o Cidadãos Para Um Futuro Risonho era um grupo anti-feérico. Era uma organização bastante mais pe-



quena do que a SJJ e dispunha de um rendimento diferente. Os membros da SJJ tendiam a ser como a Sra. Ryan, relativamente ricos e instruídos. A SJJ organizava banquetes e torneios de golfe para angariar dinheiro. A Futuro Risonho organizava convívios que no essencial se assemelhavam às antiquadas reuniões de promoção de um ressurgimento do sentimento religioso, onde os fiéis eram entretidos e alvo de sermões, após o que circulava um chapéu para recolha de donativos.

Os outros posters eram semelhantes ao primeiro, embora as datas fossem diferentes. Três deles diziam respeito a encontros levados a cabo em Tri-Cidades, porém um deles era em Spokane. Eram lisos e concebidos de forma profissional. Posters previamente feitos, pensei, impressos no quartel-general sem datas ou locais, que podiam ser posteriormente adicionados com marcadores de tinta permanente preta.

Deviam andar a reunir-se aqui e a enviar a sua correspondência. Por esse motivo é que tinha estado tanta gente na casa de O'Donnell.

Caminhei de forma lenta e prudente através da sala de estar. Julgo que por ter visto tanto sangue na noite anterior essa não foi a primeira coisa que me chamou a atenção, embora estivesse espalhado em impressionante abundância.

A primeira coisa em que reparei foi que, debaixo do sangue e da morte, detetei um odor familiar que estava deslocado nesta sala. Havia algo que cheirava à casa da criatura feérica da floresta. A segunda coisa em que reparei foi que, o que quer que fosse, possuía uma tremenda força mágica.

Encontrá-lo era, todavia, mais problemático. Era como jogar ao «Quente ou Frio» com o meu olfato e a força da magia para me indicarem se estava quente ou frio. Finalmente parei em frente a uma sólida bengala cinzenta enfiada no canto atrás da porta principal, ao lado de uma outra bengala, mais alta e intrincadamente cinzelada, que não cheirava a nada mais interessante do que poliuretano.

Quando olhei pela primeira vez para a bengala, pareceu-me banal e simples, embora claramente antiga. Depois apercebi-me de que o castão metálico não era de aço inoxidável: era de prata, e de forma muito vaga consegui perceber que algo estava gravado no metal. Mas estava escuro na divisão e mesmo a minha visão noturna tem limites.

Mais valia ter «Uma Pista» pintada a cor de laranja na parte lateral. Pensei longa e aturadamente na possibilidade de levá-la, mas decidi que era improvável que fosse a parte alguma, tendo sobrevivido ao assassinato de O'Donnell e à polícia.

Cheirava a madeira queimada e tabaco de cachimbo: O'Donnell tinha-a roubado da casa da criatura feérica da floresta.

Deixei-a onde estava e comecei a analisar a sala de estar.

Prateleiras embutidas alinhavam a sala, preenchidas sobretudo por DVDs e cassetes VHS. Uma prateleira inteira era destinada ao tipo de revistas masculinas que as pessoas leem «por causa dos artigos» e discutem o tema da arte versus pornografia. As revistas na prateleira de baixo tinham abdicado de qualquer pretensão artística — a julgar pelas fotografias nas capas.

Uma outra estante para livros tinha portas que fechavam a metade de baixo. As prateleiras abertas no topo estavam basicamente vazias, excetuando algumas porções de... pedras. Reconheci um conjunto razoável de ametistas e um cristal de quartzo particularmente belo. O'Donnell colecionava pedras.

Pousada sobre o leitor de DVD debaixo da televisão estava uma caixa aberta do filme *Chitty Chitty Bang Bang*. Como podia alguém como O'Donnell ser fã de Dick Van Dyke? Perguntei-me se teria tido a possibilidade de vê-lo até ao fim antes de morrer.

Acho que foi por ter sentido aquele momento de pesar que escutei o ranger de uma tábua que cedia sob o peso do ocupante morto da casa.

Outras pessoas, pessoas que são completa e mundanamente humanas, também veem fantasmas. Talvez não com tanta frequência — ou em plena luz do dia — mas veem-nos de facto. Uma vez que não tinha havido fantasmas nos locais em que tinham ocorrido os crimes na reserva, tinha inconscientemente assumido que também não haveria nenhum aqui. Tinha-me enganado.

O espírito de O'Donnell entrou na sala de estar a partir da entrada. Como acontece com alguns fantasmas, tornou-se mais distinto à medida que me concentrei nele. Consegui ver a costura das suas calças de ganga, mas o seu rosto era um borrão.

Gani, porém passou por mim sem me olhar.

Há muito poucos fantasmas que têm a capacidade de interagir com os vivos tal como quando eram vivos. Uma vez fui apanhada a falar com um fantasma sem me aperceber que o era até a minha mãe me ter perguntado com quem estava a falar.

Outros fantasmas repetem os hábitos de toda uma vida. Por vezes também reagem, embora normalmente não consiga falar com eles. Existe um lugar perto de onde fui criada onde o fantasma de um rancheiro sai de casa todas as manhãs para lançar feno às vacas que desapareceram há meio século. Por vezes via-me e acenava com o braço ou com a cabeça, como faria com qualquer pessoa que o abordasse em vida. Mas se tentasse conversar com ele, simplesmente continuaria a fazer as suas coisas como se eu ali não estivesse.

O terceiro tipo corresponde àqueles que nascem em momentos de

trauma. Revivem as suas mortes até se dissiparem. Alguns dissipam-se em poucos dias e outros ainda estão a morrer a cada dia mesmo séculos depois.

O'Donnell não me viu à frente dele, portanto não pertencia ao primeiro, e mais útil, tipo de fantasma.

Não pude fazer mais do que observar enquanto ele caminhava em direção às prateleiras que guardavam as pedras e em seguida tocava em algo na prateleira de cima. Produziu um estalido contra a prateleira de madeira falsa. Manteve-se ali por um momento, com os dedos a afagar o que quer que estivesse a tocar e com o corpo todo concentrado naquele pequeno item.

Por instantes fiquei desiludida. Se estava simplesmente a repetir algo que fazia todos os dias, não descobriria nada com ele.

Depois retesou-se, reagindo, pensei, a um som que não consegui ouvir e caminhou rapidamente até à porta principal. Ouvi a porta abrir como os movimentos dele, mas a porta, mais real do que a aparição, permaneceu fechada.

Não se tratava de um fantasma comum. Instalei-me, preparada para observar O'Donnell a morrer.

Ele conhecia a pessoa que estava à porta. Parecia impaciente com ele, mas após um momento de conversa, recuou um passo em sinal de convite. Não consegui ver a pessoa que entrou — ele não estava morto — ou ouvir nada a não ser a chiadeira e os murmúrios do soalho enquanto recordavam o que se tinha passado ali.

Acompanhando a atenção de O'Donnell, observei o percurso do assassino que caminhou rapidamente em direção a um lugar em frente à estante para livros. A linguagem corporal de O'Donnell tornou-se crescentemente hostil. Vi o seu peito mexer energicamente e produziu um gesto incisivo com uma mão antes de se precipitar para enfrentar o seu visitante.

Uma qualquer coisa agarrou-o pelo pescoço e pelo ombro. Quase consegui distinguir a forma da mão do assassino contra a palidez da forma de O'Donnell. Pareceu-me humano. Mas antes de conseguir olhar atentamente, quem quer que fosse provou que não era de todo humano.

Era tão rápido. Num momento, O'Donnell estava inteiro e, no seguinte, o seu corpo estava no chão, aos sacões e a dançar, e a sua cabeça estava a rebolar através do chão numa rotação irregular que terminou a menos de um metro de mim. Pela primeira vez, vi o rosto de O'Donnell claramente. O seu olhar a tornar-se vago, mas a sua boca mexia, formando uma palavra que já não tinha fôlego para dizer. A raiva, não o medo, dominavam a sua expressão, como se não tivesse tido tempo para se aperceber do que tinha acontecido.

Não sou uma leitora de lábios exímia, mas consegui perceber o que tentara dizer.

*Meu.*

Permaneci onde estava e fiquei a tremer durante minutos após a dissipação do espectro de O'Donnell. Não era a primeira morte que testemunhava — o assassinato é uma daquelas coisas que tendem a produzir fantasmas. Tinha inclusive chegado a cortar a cabeça a alguém — sendo essa uma das poucas maneiras que garantem que um vampiro permanecerá morto. Mas não tinha sido tão violento quanto isto, quanto mais não seja porque não sou forte ao ponto de arrancar a cabeça a uma pessoa.

Por fim lembrei-me de que tinha coisas a fazer antes que alguém se apercebesse de que havia um coitado à solta num local de um crime. Aproximei o focinho do tapete para ver o que ele me poderia indicar.

Distinguir quaisquer cheiros aqui era difícil com o sangue de O'Donnell a infiltrar-se nas almofadas do sofá, nas paredes e no tapete. Detetei um toque do odor do Tio Mike num canto da divisão, mas dissipou-se rapidamente, e embora tivesse farejado o canto durante algum tempo, não voltei a senti-lo. O Homem da Água-de-Colónia tinha estado na sala de estar, juntamente com O'Donnell, Zee e Tony. Não me tinha apercebido de que Tony fora um dos agentes a fazer a detenção. Alguém vomitara mesmo à entrada da porta principal, mas o chão tinha sido limpo e apenas ficara um pequeno vestígio.

Tirando isso, era como tentar seguir um rasto no Centro Comercial de Columbia. Simplesmente tinham estado demasiadas pessoas aqui. Se estivesse a tentar detetar um odor, seria capaz — mas tentar distinguir todos os cheiros... não ia funcionar.

Desistindo, regresssei ao canto onde tinha sentido o cheiro do Tio Mike para ver se conseguia detetá-lo novamente — ou descobrir como tinha conseguido deixar apenas o mais vago dos indícios.

Quando finalmente levantei a cabeça vi um corvo. Não sei há quanto tempo ali estava.